»CIDADÃOS DO MUNDO«

KAROL STROMENGER



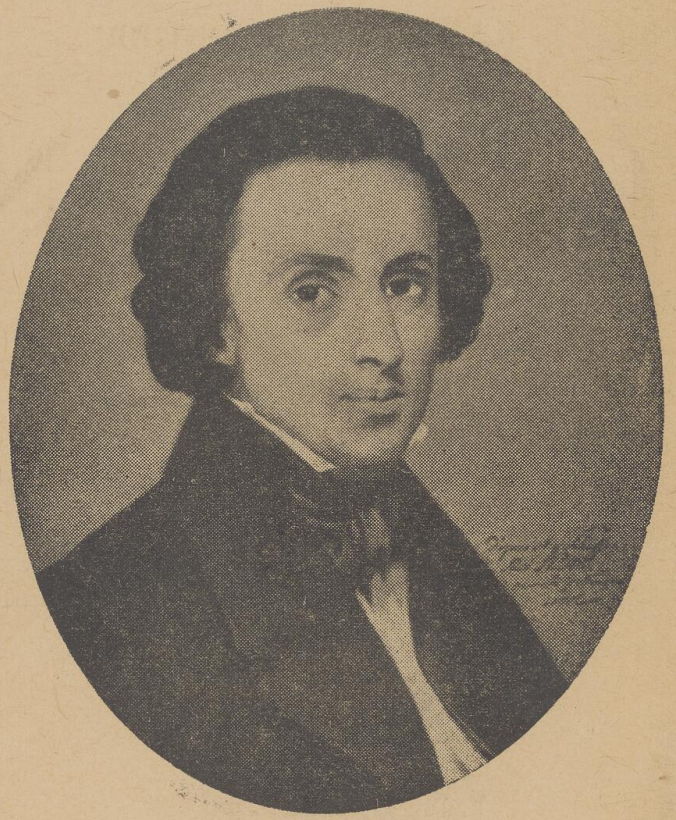
Chopin para o povo

Zbiory Stowarzyszenia I.F.C.

LIVRARIA-EDITÔRA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

CHOPIN
PARA O POVO

Zbiory
467



Frederico Francisco Chopin
(1810 - 1849)

"CIDADÃOS DO MUNDO"

KAROL STROMENGER

CHOPIN

PARA O POVO

Contendo, em apêndice, uma relação das obras de Chopin

Edição comemorativa do Centenário da morte do maior músico da Polônia

Tradução direta do polonês
por
IGNACY SACHS

LIVRARIA-EDITORA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL
C E B

RIO DE JANEIRO
1949

Biblioteca I. F. C.

ALGUMAS EDIÇÕES DA C.E.B.

Arte, Necessidade Vital (um dos raros livros de arte publicados no Brasil) — Mario Pedrosa — 240 págs. — 18 ilust. — Cr$ 40,00.

O Petróleo no Brasil (os melhores dados históricos, econômicos e estatísticos) — Eng.º R. Duque Estrada — 128 págs. — 3 gráficos — Cr$ 18,00.

A Criança Problema — a higiene mental na escola primária — Prof. Arthur Ramos — 464 págs. — Cr$ 80,00.

Terra Morta (romance néo-realista de cenário africano) — Castro Soromenho (considerado na Europa um dos maiores conhecedores da vida do homem negro) — 230 págs. — Cr$ 30,00.

Simão Dias (romance realista de cenário brasileiro) — Alina Paim — 220 págs. — Cr$ 35,00.

Mais um Crime do Fascismo (história do "Desmemoriado de Collegno", denominação dada ao Prof. Giulio Canella que, como capitão do exército italiano, perdeu a memória no campo de batalha da 1.ª Grande Guerra, sendo depois tido como o ladrão Bruneri, e perdendo enorme fortuna) — Elisa Larenas Canella — 320 págs. — 9 fot., 4 doc. — Cr$ 20,00.

*

LIVRARIA-EDITÔRA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL
Largo da Carioca, 11 — 2.º and. —
tel. 42-2741
Rio de Janeiro

sygn. 467.
bibl. 1/18/50

INSTYTUT FRYDERYKA CHOPINA BIBLIOTEKA

467
NARODOWY INSTYTUT FRYDERYKA CHOPINA

PREFÁCIO DOS EDITÔRES

Com Chopin para o Povo, *iniciamos uma coleção de biografias populares, nas quais procuraremos focalizar a existência e as lutas dos maiores expoentes culturais e políticos dos diferentes povos, cuja obra ultrapassou as fronteiras nacionais, integrando-se no patrimônio espiritual da Humanidade. Por isso, decidimos dar o nome de "Cidadãos do Mundo" a esta série, significando assim que as tradições verdadeiramente progressistas de tôdas as nações pertencem a todos nós — homens do mundo inteiro.*

O caráter popular da coleção destina-a ao mais vasto público. E' nosso desejo editar livros que possam ser lidos com igual proveito por um intelectual, um escolar ou um operário, porque uma obra de divulgação popular não é nem deve ser aquela que baixa de nível mental, mas o trabalho sério, honesto, com sólidas bases científicas que, pela sua forma acessível e viva, permite às pessoas que não têm conhecimentos técnicos da matéria tratada, identificarem-se com o seu conteúdo.

Enriquecendo os horizontes culturais do leitor, uma boa obra de divulgação científica contribui, portanto, para o levantamento do seu grau intelectual. Se os livrinhos da série "Cidadãos do Mundo" conseguirem êsse propósito, os editôres regozijar-se-ão de terem feito obra proveitosa.

"A admiração e o culto pelo talento e pela obra de Frederico Chopin estendem-se muito além das fronteiras da Polônia. Suas melodias encantadoras e sua fama alcançaram os recantos mais longínquos do mundo. Êle glorificou na música o nome da Polônia como Copérnico na ciência e Mickiewicz na literatura."

"Orgulhamo-nos das grandes tradições e magníficas conquistas de nossa cultura nacional. Êsse patrimônio honra-nos e nós o tornamos propriedade não das classes privilegiadas, como outrora, não da nobreza ou da burguesia, mas das massas laboriosas e de tôda a nação."

BOLESLAW BIERUT,

Presidente da Polônia.

NOTA DO TRADUTOR

O culto comum, que brasileiros e poloneses votam ao gênio de Chopin, vem ilustrar essa verdade bàsicamente otimista e nunca demais comprovada, a qual proclama que a comunhão dos homens na Arte independe das barreiras geográficas.

Se, entretanto, existem valores de cultura universais, não se deve esquecer que uma obra de arte sòmente pode aspirar à universalidade pelo aprofundamento do real, do existente; o humanismo e a cultura maior, aquela que resiste aos tempos, apresentam sempre um involucro nacional e na ausência dêste nenhuma mensagem humana faria sentido. O gênio se alimenta nas fontes populares da criação. Uma arte verdadeiramente grande é aquela que jorra de um contato com o povo e a sua tradição, é aquela que traduz os arrebatamentos e os anseios dêsse povo. Que a obra de Chopin nos sirva de exemplo!

A paisagem da Polônia — e por paisagem entendemos aqui não apenas a feição topográfica, mas também aspectos folclóricos e humanos — constitui um elemento essencial da música de Chopin.

Ora, se essas são as suas raízes, pelo povo ela há de ser ouvida, ao povo ela há de pertencer. O conhecimento de Chopin, a difusão mais ampla de sua obra, constituem

o objetivo principal do "Ano de Chopin", como foi chamado, que celebramos agora em comemoração ao centenário da morte daquele que foi o maior músico da nação polonesa e seu mais eficiente embaixador durante um século.

Generosamente, a sua música enriquece o espírito de todos nós — homens — qualquer que seja a nossa nacionalidade e onde quer que estejamos.

Os festejos chopinianos realizam-se êste ano em quase tôdas as partes do mundo civilizado e, também, no Brasil. Justiifca-se portanto plenamente a iniciativa da Livraria-Editôra da Casa do Estudante do Brasil em lançar uma biografia do grande compositor, destinada ao mais vasto público. A escolha dos editôres recaiu sôbre um livro escrito precisamente com essa finalidade pelo distinto musicólogo polonês Karol Stromenger. Aliás, o original em idioma polonês mereceu uma edição popular de grande tiragem, fartamente difundida através da pátria de Chopin como contribuição ao Centenário.

Ao colocar êste trabalho nas mãos dos leitores brasileiros, o tradutor esclarece que não se trata de uma obra de musicologia de caráter especializado, nem tampouco de um ensaio literário. O livrinho de Stromenger aspira apenas a relatar com honestidade a vida de Frederico Francisco Chopin, de modo a facilitar a compreensão da obra do compositor aos inúmeros amantes das melodias chopinianas.

Possa a versão brasileira ser um instrumento de difusão cultural, como o original polonês, é o que deseja vivamente o tradutor.

Rio de Janeiro, outubro de 1949.

IGNACY SACHS

CAPÍTULO I

EM VARSÓVIA

No cemitério de Powazki em Varsóvia, onde foi sepultado o pai de Frederico Chopin, uma inscrição diz-nos que Nicolau Chopin nasceu na cidade de Nancy. Engano. Sabemos hoje que os Chopins descendem não de Nancy, capital da Lorena, mas sim de Marainville, vilarejo situado nos arredores de Besançon. Quando, em 1844, Nicolau Chopin morreu com a idade de 74 anos, a família em Varsóvia ignorava o lugar de seu nascimento. Êle tinha renunciado à pátria francesa; nunca falava nela, não mantinha relações com os parentes que alí abandonara quando jovem. Por que? Isso é um mistério. Um drama de família, quem sabe? Teoria pouco provável, entretanto, pois que na mocidade pretendera por duas vêzes voltar à França. Por estranha coincidência, ambas as vêzes a doença pregou-o ao leito, e êle interpretou isso como um sinal da Providência "que dêste modo lhe anunciava seus veredictos". Mas também a Providência lhe reservava uma árdua tarefa: a de intermediário entre duas gerações totalmente estranhas uma da outra. Porque êle, filho de um francês carpinteiro da roça, ia ser o pai do "Rei Alma" (1) da música polonesa. Afeiçoou-se à Polônia e os anos só fizeram aumen-

tar êsse sentimento cada vez mais consciente. Teria êle renegado a sua família na França, ou haveria motivos para culpá-la disso? Talvez o têrmo renegar seja por demais forte no caso. Êle era um homem educado, de boas maneiras e de muita leitura. Na Polônia, passou a viver em rodas mais seletas. A família Skarbek considerava-o "o melhor amigo até a morte"; numerosas eram suas relações entre as famílias da aristocracia e de proprietários rurais; na qualidade de professor freqüentava os meios universitários; casou-se com uma moça de boa família de abastados proprietários. Como estranhar que, com o correr dos anos vividos na Polônia, e com a ascensão social, poucas coisas o ligassem à família da longínqua aldeia lorena? Poucas, ao ponto de ter provàvelmente desistido da herança paterna, visto que após a morte de Francisco Chopin, avô de Frederico, receberam esta herança duas irmãs de Nicolau, considerado desaparecido há mais de trinta anos. Em 1845, morreram, em Marainville, as tias de Frederico, sem saber que, a algumas centenas de quilômetros, em Paris, estava morando seu já então muito célebre sobrinho. Êle, também, ignorava a existência delas.

Mas por que será que Nicolau Chopin silenciava tudo sôbre a família da França, e nem sequer disse à espôsa e aos filhos onde nascera? Nicolau adorava a literatura francesa; não se sabe que escolas cursou, nem a educação que recebeu; o fato é que seguiu um caminho bem diferente daquele de seus antepassados. Ficou provado que os Chopins eram, de pai e filho, vinhateiros. Apesar da idade avançada, Nicolau Chopin cultivava ainda uvas no quintal de sua casa em Varsóvia. — Numa carta de Isabel ao irmão Frederico lemos: "Papai teve uma boa colheita na sua vinha, e, prazenteiro, viu filhos e netos se deliciarem com o fruto de seu trabalho". De vez em quando as reminiscências francesas de Nicolau Chopin, aliás cuidadosamente dissimuladas por êle, vinham à tona. Tratou de que

os filhos falassem bem o francês; não pelo fato de ser ela a língua dos seus antepassados, e sim por fazer parte do bom-tom em altas rodas, porque, como escreveu numa carta: "a França é para mim um país estrangeiro". Escrevia bem o francês, falava corretamente o polonês, embora com pronunciado sotaque estrangeiro. Sua ortografia era entretanto defeituosa. Como loreno, falava também o alemão, chegando mesmo a ensinar êsse idioma, detalhe de que se serviu a propaganda alemã para tirar conclusões insanas.

Por ocasião da sua chegada à Polônia, tinha êle 18 anos, exercia a princípio a profissão de contador. Pouco tempo depois, dedicou-se exclusivamente ao ensino do francês. Tomou parte no levante de Kilinski (2) e na defesa de Varsóvia, tendo ingressado na Guarda Nacional e alcançado o pôsto de centurião. Depois do fracasso do levante de Kosciuszko, durante seis anos foi professor dos filhos da Sra. Laczynska, em Czerniejew. Uma das suas alunas, Maria Laczynska, que mais tarde desposou Walewski, devia se tornar a famosa madame Walewska, amiga de Napoleão. Durante os oito anos que se seguiram (1802-1810), exerceu o cargo de preceptor na casa dos Skarbek. Casou-se então com dona Justina Krzyzanowska, originária de Isbica. Sossegada, respeitável, excelente dona de casa, essa criatura devia ter sido encantadora, a julgar pelo pequeno retrato pintado por Miroszewski — traços regulares, olhos meigos e expressivos. Era amante da música e acompanhava ao piano o espôso, que tocava violino e flauta. Desde o casamento (1806), instalaram-se num anexo da mansão de Zelazowa-Wola, em apartamento composto de "três pequenos quartos", mobiliado pobremente e sem piano. Era essa uma moradia típica dos administradores e oficiais dos latifúndios de então. Por milagre, a casinha sobreviveu. Passou por várias mãos, teve destinos diversos e desempenhou diferentes funções econômicas. Foi alí que, a 22 de fevereiro de 1810, Frederico Chopin veio ao mundo.

A casinha de Zelazowa-Wola, perto de Sochaczew, estava, pois, destinada a se tornar "o estábulo de Belém da música polonesa". Monumental, mas humano, pátrio, mas universal, imortal, mas durante a vida tôda marcado pela morte — êle nos aparece envolto em lenda e cantiga. Como que diríamos: "quem troveja no céu — se tornou nosso irmão mortal, êle, Senhor dos séculos". Há mais de cem anos que sua vinda ao mundo sob o céu cinzento do inverno de Mazóvia nos alegra e cumula de assombro. Quando, há anos, o Estado iniciou a tarefa de transformar a casinha com o seu jardim em santuário de Chopin — o lugar de seu nascimento foi sendo embelezado com uma solicitude, que não escapou à crítica devido a exuberâncias descabidas, mescla de estilos e fantasias inoportunas. O aguilhão das censuras não poupou sequer o inocente cipreste, plantado no jardim — por não harmonizar com o caráter da paisagem de Mazóvia, por introduzir na harmonia do jardim polonês uma nota estranha. Apesar de tudo, êsse cipreste constituía involuntàriamente o símbolo do próprio Chopin, que pela ascendência artística nasceu algures, sob o céu azul da perfeição clássica dos Antigos, no mundo dos Fídias e dos Rafaéis — e se tornam o "mito da alma polonesa", a flor do romantismo polonês. E' êle a grande encarnação de nossa saudade? — verbo feito carne? — Não, nada prenunciava a aparição de Chopin entre nós — nem profecias, nem sinais no céu da música polonesa, nem expectativas. Tanto mais miraculosa foi sua "habitação entre nós".

No ano em que nasceu Frederico, o pai obteve o pôsto de professor de língua francesa no Liceu de Varsóvia, e mudou-se com a família para a capital. Frederico era o segundo filho; sua irmã, Ludovica, era quatro anos mais velha. Alojaram-se no prédio dos professôres, no Parque Saxão. Na nova residência, o casal Chopin abriu uma pensão para rapazes. O estabelecimento modelar recebia

filhos de abastados proprietários rurais. A severa disciplina reinante não lhe tirava o caráter de um lar polonês, ainda que o francês fôsse falado amiúde.

Desde a mais tenra idade, Frederico traía uma particular sensibilidade para a música. Silencioso, pálido, sossegado, era de compleição franzina. Sua inteligência não era apenas musical; dotado de mente alerta, desde criança tinha o ânimo propenso a gracejar engenhosamente. À polidez requintada juntava um encanto natural e elegância no trato. A tranqüilidade, a ordem que reinava no lar dos Chopins, contrastava com os anos tempestuosos que a Polônia então vivia. Em 1812, passaram por Varsóvia as tropas de Napoleão. No ano seguinte, teve início a ocupação prussiana, e, finalmente, em 1814, Varsóvia se tornou a capital do "Reino polonês". O czar Alexandre I proclamou-se rei e "Restaurador" da Polônia, instalando o Grão Príncipe Constante, seu irmão, no palácio Brühl. (3) Apesar da agitação política, as crianças do casal Chopin cresciam num ambiente sossegado, cercadas pelo amor familiar, e recebiam educação esmerada. A pensão, justamente afamada e sempre repleta, constituía o principal sustento dos Chopins.

Aos seis anos, Frederico, que até então estudara piano com sua irmã Ludovica, passou a ter um professor — o tcheco Wojciech Zywny, velho original que usava peruca, trajava casacas obsoletas e coletes floreados, cheirava amiúde rapé e falava um polonês lamentável. Esforçado e econômico, Zywny tratava de juntar seu pecúlio. Tinha alunos entre os rapazes educados na pensão dos Chopins e tornou-se amigo da família. Frederico era um aluno fora do comum e o seu desenvolvimento alcançou progressos excepcionais em um ano de estudos com Zywny. À medida que ia dominando o teclado, desabrochava sua inteligência musical que se revelava nas improvisações de menino, através de idéias musicais espontâneas e expressas diretamente

ao tocar. Ainda não sabia transcrever seus pensamentos, mas já era capaz de formulá-los, modulá-los — compor. A princípio, Zywny ajudava-o a fixar no papel as primeiras tentativas de composição. Destas, a mais antiga, que se conservou, é a Polonaise dedicada à Senhorinha Victoria Skarbek e editada nos fins de 1817. Essa pequena e agradável composição, constitui o marco inicial da criação do menino, por nós conhecida.

No ano de 1817, a família Chopin mudou-se para a nova sede do Liceu, o Palácio do rei Casimiro, situado à rua Krakowskie Przedmiescie. Aí, tinham por vizinhos o poeta Casimiro Brodzinski, o lingüista e reitor Bogumil Linde, e a família Kolberg. Chopin se dava com os jovens Kolberg, Guilherme, Antônio, o futuro pintor, e Oscar, autor da monumental obra "O povo e seus Costumes". Relações íntimas ligavam-no a alguns alunos do pai como João Bialoblocki, com o qual manteve divertida correspondência, Eustáquio Marylski, João Scipio del Campo, Tito Woyciechowski, e muitos outros, constantemente mencionados em suas cartas. Após alguns anos de estudos em casa, Chopin ingressou, em 1823, no quarto ano do Liceu de Varsóvia. Foi bom aluno, embora não se interessasse pelo Latim, Matemática e Ciências Naturais. Sob os olhos do pai e de um repetidor, saía-se bem de seus trabalhos escolares. Aos domingos assistia aos sermões do padre Woronicz na igreja das Irmãs Visitadoras, e tocava o órgão. Seu talento musical valeu-lhe ràpidamente a glória de extraordinário pianista, não apenas nas altas rodas, mas também entre os músicos locais. Razão esta por que as reuniões às quintas-feiras, na casa paterna eram freqüentadas por um número cada vez maior de músicos. Destacam-se entre êstes José Elsner, reitor da "Escola Central de Música" ou seja o Conservatório de Varsóvia, recentemente fundado por êle (1821), e localizado no antigo Convento dos Bernardinos à rua Krakowskie Przedmiescie. Elsner devia tornar-se

MY INSTYTUT FRYDERYKA CHOPINA BIBLIOTEKA
Zbiory Słowackiego I.F.C.

pouco tempo depois mestre de Chopin, quando êste, em 1826, ingressou no Conservatório, como aluno da classe de composição.

Ali, Chopin foi colega dos futuros compositores Tomás Nidecki e Félix Inácio Dobrzynski; e de alguns amadores aos quais viriam ligá-lo laços de íntima e longa amizade: Tito Woyciechowski, já conhecido da pensão Chopin, Julian Fontana, mais tarde, em Paris, secretário de confiança de Frederico e João Matuszynski, o "Jas querido" que havia de ser o médico de cabeceira de Chopin, na França.

Nos dois primeiros anos de estudos Elsner reconhecia em Chopin uma "aptidão particular" sem preferi-lo entretanto a Dobrzynski e Nidecki, que se destacavam na composição de peças de música sacra, de ópera e orquestra, ao passo que Chopin não se sentia nada inclinado a êsses gêneros, limitando-se de preferência às composições para piano. Elsner, que era um homem sagaz e compreendia perfeitamente o talento extraordinário de Chopin, costumava dizer: "Deixem-no em paz. E' verdade que êle não segue o caminho habitual, porém o seu talento é excepcional. Dizeis que êle não se atém rìgidamente ao método estabelecido, mas êle possui um método todo seu, que justamente lhe dará, se não me engano, a originalidade até agora por ninguém possuída." O talento de Chopin se distinguia ainda pelo fato de saber êle aproveitar-se de tudo quanto Varsóvia lhe oferecia. Costumava folhear músicas na loja de Brzezina durante horas a fio, tocava em instrumentos novos na casa de pianos de Bucholtz, freqüentava assìduamente a Ópera, não perdia nenhum concêrto, era hóspede constante nas reuniões camerais, conhecia Kurpinski, Soliva, o diretor italiano da seção dramática do Conservatório, os professôres de piano Czapka, Ernemann e Kessler. Êste jovem delicado e elegante era enérgico e destemido quando se tratava de obter uma informação sôbre a música ou aprender algo.

Em 1827, faleceu Emília, irmã mais jovem de Chopin. Pouco tempo depois os Chopins mudavam-se para o palácio Krasinski em Krakowskie Przedmiescie em frente ao Liceu. Ocuparam o segundo andar da ala direita. Alí, Frederico teve o seu quarto, a respeito do qual escreve: "No andar superior de nossa casa há uma saleta mobiliada que deverá servir às minhas comodidades. Uma escada, juntinho do vestiário, dá acesso a ela. Ali devo colocar o velho piano, a escrevaninha gasta — êsse canto será meu refúgio..." Ali despertou o gênio musical de Chopin durante os três anos seguintes, nasceram nesse "refúgio" as composições com as quais o jovem músico deveria partir pelo mundo. Data de 1827 um retrato de Chopin pintado por Miroszewski; também Eugenio Skrodzki descreveu o jovem de dezessete anos em "Algumas recordações sôbre Chopin": "Nada em Frederico fazia pressentir então o mundano disputadíssimo dos aristocráticos salões europeus, e sobretudo o homem amado por tantas mulheres. De estatura média, tinha um físico defeituoso; o peito côncavo inspirava receio de que estivesse destinado como sua irmã Emília à tuberculose. A fronte era alta e bela. Os olhos castanhos, expressivos e meigos não impressionavam à primeira vista e nem brilhava nêles a magnificência do gênio. Os cabelos abundantes, longos e crespos, parecidos com os do pai, eram escuros com matizes um tanto ruivos. O nariz grande emprestava aos traços um caráter expressivo, sem que se pudessem considerar belos. Entretanto o rosto de Chopin irradiava simpatia. Tinha pés pequeníssimos, e mãos lindas, alvas e mimosas, com dedos rosados, que gostava de colocar com certa ostentação nos joelhos. Vivaz e rápido nos movimentos, era espirituoso e um tanto cáustico na conversação, devotava grande amor às irmãs e aos pais e embora já célebre, sentia por êles tal respeito, que se considerava inferior, apesar da superioridade adquirida pelo trabalho e talento, e sempre se curvava diante de

seus progenitores: Em suma, era muito simpático e amável: não se viam nêle as excentricidades comuns a muitas celebridades. Espirituoso, alegre, vivo, não permitia que a sociedade o esquecesse por um só momento. E, acima de tudo, gostava da companhia de mulheres belas, simpáticas, inteligentes, espirituosas...

"Resfriava-se com facilidade, cuidava muito da sua pessoa, a ponto de não sair de casa nos dias de mau tempo a não ser excepcionalmente... Embora de compleição franzina, gozava de uma saúde regular, tanto assim que, segundo consta, estêve doente uma única vez até os vinte anos. Além disso, era resistente por natureza, o que ficou comprovado nas viagens que naquele tempo esgotavam muito, se atentarmos ao transporte em diligência."

Comprazia-se muito nas viagens, e as cartas que essas lhe inspiravam são repletas de quadros e retratos a bico de pena, de observações exatas e de cenas divertidas. Quer se trate das cartas de menino, escritas durante as férias passadas na casa dos Dziewanowski em Szafarnia, ou por ocasião da viagem que fêz de lá para Gdansk, Torun, Plock, quer das de adolescente, escritas da casa dos Pruszak em Sanniki, ou dos Wiesilowski em Strzyzew, êle sempre nos cativa, diverte, interessa pelo estilo vivo das descrições, sem notas falsas, sem um só momento insípido. A melodia tão individual de seu temperamento ressoa desde sua infância. E que dizer então das impressões musicais, recebidas por ocasião das primeiras permanências no estrangeiro?

Poucas são, é verdade, as impressões da primeira viagem realizada aos dezesseis anos em companhia da mãe, que foi fazer uma estação de águas na Silésia, em Duszniki. Mas, em 1828, êle acompanhou o professor Jarocki, que seguiu para Berlim a fim de participar de uma convenção de naturalistas. Aproveitou nesta cidade tôdas as

oportunidades para "vagabundear pelos teatros". Aborreciam-no as reuniões e os festejos da convenção, considerava os participantes do conclave caricaturas humanas, admirando apenas o grande sábio, viajante e explorador, Alexandre Humboldt. Em Berlim, teve ensejo de ouvir óperas executadas com o auxílio de rico aparelho cênico, e cantadas por um excelente elenco, que êle confrontava com os artistas de Varsóvia. Mas não foram os teatros que lhe causaram a maior impressão musical, e sim o concêrto realizado na Academia de Canto. O famoso maestro K. Fr. Zelter, amigo de Goethe e bom conhecido de Antônio Radziwill, professor do jovem Mendelssohn, que estava presente, regeu a cantata de Haendel. Entre os ouvintes encontrava o célebre Gasparo Spontini, grande vulto entre os compositores de ópera italiana de então. Durante essas duas semanas em Berlim (1828), Chopin entrou em contato com a cultura musical do estrangeiro. Em Varsóvia, êle apenas tinha ouvido célebres virtuoses estrangeiros, mas nunca conjuntos orquestrais e teatros de ópera. Não raras vêzes êsses reputados hóspedes tinham-no escutado também. Mas sòmente no fim do terceiro ano do Conservatório, quando Elsner escreveu no boletim: "Chopin Frederico (3.º anista) de uma capacidade extraordinária, é um gênio musical", e quando o gênio já era autor de algumas obras dignas de serem apresentadas ao mundo ("Variações sôbre o tema da ópera *D. Juan,* Rondeau à la Mazur), sòmente então veio o momento de se medir com as sumidades européias. Êle mesmo o sentia ao dizer: "Não adiantam elogios aqui. Que dirão Viena ou Paris"? O próprio Elsner aconselhava-lhe: "Vai pelo mundo e serás grande", a que Chopin respondia, confiando aos amigos: "Ora, o velho Elsner não sabe o que diz". Justamente naquele tempo, quatro colegas estavam de partida para Viena e Praga. Decidiu, pois, juntar-se a êles e o pai aquiesceu de boa vontade ao seu projeto.

Viajaram através de Cracóvia — Frederico visitou a cidade e os arredores, e a 31 de julho de 1829 chegaram a Viena. Aí encontrou musicistas conhecidos de Varsóvia, o pianista e maestro Wurfl, Tomás Nidecki, e munido de cartas de apresentação, travou ràpidamente conhecimento com músicos, editôres, homens de teatro e críticos. Em tôda parte, suas boas maneiras e sua arte lhe abriam as portas. Tocou suas obras em presença de "connaisseurs" e os editôres interessaram-se pelos manuscritos. Embora êle não fôsse na intenção de aparecer em público, estava preparado para tal. Ei-lo a descrever numa carta à família (datada de 12 de agosto de 1829) os detalhes de seu primeiro concêrto em Viena: "Sabeis pela última carta, que vos escrevi, queridos pais, que me deixei convencer a dar um concêrto. Ontem, isto é, têrça-feira, às sete horas da noite, no Teatro Imperial da Ópera, apresentei-me ao mundo, arpesentação dessa chamada aqui de "Eine Musikalische Akademie"; como não ganhei nada com ela e nem o pretendi, o conde Gallenberg apressou o concêrto organizando o seguinte programa: Abertura de Beethoven, minhas Variações, Canto pela Veltheim, meu Rondeau, novamente o Canto e por fim, para completar a soirée, um pequeno bailado. Durante o ensaio, a orquestra acompanhou tão mal que fui obrigado a trocar o Rondeau pela "Freie Phantasie". Ao aparecer no palco fui aplaudido. Após cada uma das Variações, houve também palmas, de modo que eu não ouvia o "tutti" da orquestra. Quando terminei, os aplausos foram tão fortes que tive que voltar à cena e agradecer. Apesar de não me ter saído muito bem na "Freie Phantasie" (improviso), os aplausos foram ainda maiores, e de novo voltei ao palco... Os jornalistas gostaram de mim. Talvez me lancem umas críticas, mas isso é necessário para ressaltar os elogios... O "regisseur" do teatro, Sr. Demar, foi muito delicado e bom comigo. Antes de eu entrar no palco deu-me coragem com suas palavras e

distraiu-me tanto que cheguei a não sentir mêdo, principalmente pelo fato de a sala não estar repleta. Meus amigos e colegas dispersaram-se pelo teatro para ouvir as diferentes opiniões e críticas. Celinski pode afirmar como foram poucas as censuras. Hube ouviu a maior, feita por uma dama, que comentou: "Schade um den Jungen dass er so wenig Tournure hat" (E' pena que o rapaz seja de aparência tão pouco vistosa). Se essa foi a única crítica que me fizeram, e os rapazes juram ter ouvido ùnicamente elogios e afirmam que nenhuma das vêzes começaram as palmas, não tenho de que me preocupar. Improvisei sôbre o tema da *Dama Branca* (ópera francesa); e atendendo ao pedido do "regisseur"... para escolher ainda um tema polonês, toquei "Chmiel" (canção popular) que eletrizou o público não acostumado com tais canções. Meus espiões da platéia afiançavam-me que houve quem pulasse nas poltronas. Não obstante, a opinião geral é que toquei por demais fraco e delicadamente para o público vienense habituado com os pianistas locais que martelam o piano. Estou preparado para encontrar essa censura nos jornais, tanto mais que a filha do redator bombardeia terrìvelmente o instrumento. Não tem importância; não se pode mesmo evitar um senão e prefiro isso a que me tivessem dito que toquei por demais forte... A minha primeira apresentação foi tão feliz quanto imprevista... E assim, confiando na sorte, deixei-me convencer a dar o concêrto; se os jornais me fustigarem a tal ponto que não possa aparecer, novamente, diante do público, tornar-me-ei pintor de paredes..."

No dia 18 de agôsto de 1829, na véspera de sua partida de Viena, Chopin deu mais um concêrto tocando seu "Rondeau Cracoviano" com acompanhamento de orquestra, e de novo as "Variações sôbre um tema de *D. Juan*". Os jornais vienenses noticiaram com destaque o sucesso de ambos os concertos, apreciando os dotes do pianista compositor e frisando a admiração do público. Os nossos

viajantes alegremente seguiram até Praga, cidade esta que Chopin percorreu com encanto, visitando músicos, e travando conhecimento com o cientista e patriota tcheco Waclaw Hanke. Após três dias de estada em Praga, foram parar na vilegiatura tcheca de Toeplitz, em seguida passaram uma semana em Dresde e alguns dias em Wroclaw. Ali Frederico separou-se dos amigos, seguindo para Poznan, e de lá dirigiu-se à cidade vizinha de Antonin, onde foi recebido, de braços abertos, pelos príncipes Radziwill. De volta a Varsóvia, nos meados de setembro, leu nos jornais correspondências sôbre seus concertos vienenses. Desde logo, entrou em cheio nas atividades dêste seu último ano de permanência no solo pátrio.

Um ano de trabalho intenso, um ano da sua maior glória em Varsóvia. Mas a capital polonesa não era mais suficiente para êle, nada mais podia oferecer ao jovem compositor. Os sucessos de Viena deram asas às suas intenções de realizar uma viagem mais demorada pelo estrangeiro. Continua a folhear as novidades musicais na loja de Brzezina, é assíduo às *soirées* camerais na casa do pianista Kessler, vai à ópera, assiste aos concertos, freqüenta a sociedade, mas também trabalha intensamente. Termina o Trio para piano, escreve os primeiros estudos, a Polonaise-Fantasia, a série de Noturnos e inicia uma composição maior que em breve o absorverá por completo: o Concêrto em Fá menor. O pai gostaria que o filho seguisse para Berlim e Radziwill aconselhava o mesmo. Frederico, porém, sonhava ainda com estudos em Viena, Itália e mais tarde Paris. A incerteza aparentemente o atormenta e algo o detém em Varsóvia, quando escreve a Woyciechowski (carta de 3 de outubro de 1829): "Não imaginas o quanto Varsóvia agora é triste para mim; se a família não ma tornasse agradável, não suportaria ficar. Como é aborrecido não ter a quem visitar pela manhã, e compartilhar com êle as tristezas, e as alegrias, que sensação mesquinha a de ter algo que nos pese, sem poder desabafar.

Sabes, a que estou aludindo. Conto ao piano, o que às vêzes contaria a ti..." O que está a lhe atribular o coração? Êle mesmo no-lo conta na carta mais adiante: "Porque já encontrei, talvez para minha infelicidade, meu ideal, ao qual sirvo fielmente há já meio ano, sem lhe falar; com êle sonho tôdas as noites, a êle consagrei o Adágio do meu concêrto..."

Êste ideal era Constância Gladkowska, aluna do Conservatório e cantora principiante. Tinha a idade de Frederico e, portanto, como estranhar que uma jovem bonita de 20 anos de idade fôsse cortejada por alguns moços? Entre êstes rapazes havia uns oficiais do Czar, fato êste que irritava muito o jovem, cuja chama era tímida e ideal. Quando Chopin partiu houve uma troca de anéis, mais como lembrança do que como noivado, e alguns versos foram escritos nos álbuns de recordações. Depois da separação trocaram algumas cartas, não muitas, porque a moça, em pouco tempo, teve um pretendente sério. Frederico não demorou muito a se consolar dêsses amôres de estudante, e esqueceu Constância. Sòmente nós não esquecemos aquela que foi o amor de Chopin quando êste compunha seus concertos. Constância sobreviveu a Chopin por 40 anos. Quando lhe leram a biografia de Chopin, já velhinha, admirou-se muito ao constatar os sentimentos ardentes que o compositor nutrira por ela. Disse ter simpatizado com êle, que, músico genial, era entretanto muito criança ainda, parecia um mocinho apenas saído da infância, tinha o gênio nervoso, propenso a fantasias, e a aparência débil... Quanto a ela, casou-se bem com um abastado proprietário, estabelecido perto de Skierniewice. Não se sabe quanto a arte perdeu com isso...

A "infidelidade" de Constância não lhe causou portanto sofrimentos excessivos. Resistiu bem à desilusão e não queria mal às mulheres por isso. Agora estava trabalhando, repelindo a idéia da partida para Berlim; não confiava

muito na proteção dos Radziwill, escrevendo numa carta: "preciso ficar aqui (em Varsóvia), onde tenho tantos trabalhos começados". E cedendo apenas à insistência do pai, partiu para Strzyzew. Lá soube, por uma carta dos Wiesiolowski, que Radziwill estava então repousando na vizinha Antonin. Foi pois, em outubro (1829), por alguns dias o convidado de Radziwill; tocou com o príncipe — violoncelista — apresentou suas composições a ambas as princesinhas, esteve à vontade entre essa gente amável que o admirava; porém não se deixou convencer a prolongar sua estada e, em novembro, estava de volta a Varsóvia.

Nesse tempo tôda Varsóvia cantava *Desejo* (Se eu fôsse o solzinho lá do céu), canção que Chopin escreveu para as palavras de Witwicki (4) — Os jornais falavam de suas improvisações, no concêrto do "Círculo". O aniversário do papai Chopin foi solenemente comemorado por um concêrto caseiro. No café literário "Dziurka", à rua Miodowa, Chopin vinha encontrar-se com a "Jovem Polônia" de então, à qual pertenciam: Stefan Witwicki, Bohdan Zaleski, (5) Maurício Mochnacki, (6) Severino Goszczynski, Antônio Eduardo Odyniec. (7). O Concêrto em Fá menor amadurecia ràpidamente nesta atmosfera amigável e em fevereiro do ano seguinte, (1830), o compositor já pôde apresentá-lo aos colegas e amigos. O ensaio teve êxito; "O rosto de Elsner irradiava alegria... O próprio Kurpinski acabou regendo a orquestra para o jovem compositor." Os jornais não pouparam elogios a essa exibição particular, obrigando-o a aparecer em público. No dia 17 de março, realizou-se, no Teatro, a primeira apresentação pública do Concêrto em Fá menor. Já com três dias de antecedência tôdas as entradas estavam vendidas. Kurpinski regeu. Figuravam ainda, no programa, a "Polonaise Fantasia" de Chopin e algumas peças de outros compositores. Desta vez, a repercussão nos jornais foi tal que Chopin se deixou convencer a repetir o concêrto alguns

dias depois; o pianista compositor tocou ainda seu "Rondó Cracoviano". O ganho líquido das duas apresentações importou em 5.000 Zlotys. (8)

Houve ainda pedidos de uma terceira apresentação, mas Chopin, já então, muito ocupado com a composição de um novo concêrto para piano (Mi menor), cuja primeira parte tencionava concluir antes de Páscoa, não queria saber disso. Não mais ia visitar Tito Woyciechowski em sua propriedade porque "o trabalho começado urge. Preciso compor e escrever a tôda pressa..." Antes do verão, todo o segundo concêrto estava escrito e o autor tocou-o em presença do querido Tito, em cuja casa, em Poturzyn, passou duas semanas. Mas, em fins de julho, estava novamente em Varsóvia a fim de assistir à estréia de Constância, no papel de Agnes na ópera de Paer (9) e depois de alguns dias, estava novamente em Zelazowa-Wola, onde sua família veraneava na propriedade dos Skarbek. Lá, nas margens do Utrata, passeava o autor de dois concertos, "vestido num *spencer* com abas estreitas atrás, denominado casaca". Aproveitou as férias, bem merecidas, nesse seu último verão na pátria. "Nada me atrai para além das fronteiras do meu país. Podes crer que partirei no mês que vem, mas fica sabendo que parto ùnicamente para atender à minha vocação e ao bom-senso, o qual deve ser muito pequeno, já que não é bastante forte para aniquilar todos os outros pensamentos". Dilema: o artista sentia que aquêle meio já nada mais lhe podia oferecer — mas o homem-Chopin estava ligado ao seu país por fortes vínculos sentimentais.

Um sôpro revolucionário percorria a Europa, naquele ano. Embora os jornais nada escrevessem a respeito, falava-se muito, em Varsóvia, da revolução de Paris, da separação da Bélgica e da Holanda, da revolução no Tirol e no Brunswik. Êsses acontecimentos fomentavam ainda mais a descontentamento e a impaciência reinantes em Varsóvia.

Em meio a esta atmosfera de irritação política, e da iminência do levante — não indiferente de todo aos problemas de seus compatriotas — Chopin prepara a execução do seu novo concêrto (Mi menor). A primeira prova particular realiza-se nos fins de agôsto de 1830. Um mês depois, Chopin convida os músicos para sua casa, a fim de apresentá-lo com acompanhamento de orquestra.

Nesta reunião, foi decidido que a nova obra seria tocada no concêrto de despedida. Porque já todos achavam, inclusive Tito Woyciechowski, que Chopin devia partir. Só êle ainda receava que não vencesse em sua carreira e, por isso, escrevia: "Se não tiver o que comer, terás que me contratar para oficial de administração em Poturzyn, lá morarei perto do estábulo... e contanto que a saúde me valha, desejo trabalhar a vida tôda. Chego a me perguntar se não sou excessivamene preguiçoso, e se não deveria trabalhar mais"...

A 11 de outubro teve lugar êsse concêrto de "despedida". Chopin tocou seu Concêrto em Mi menor e a "Fantasia Polonesa". Soliva regeu. Constância Gladkowska e a Srta. Wolkow cantaram. Chopin ficou contente, escrevendo, no dia seguinte, a Tito: "O concêrto de ontem foi um sucesso e apresso-me a dar-te essa informação. Digo-te que não tive nenhum receio e toquei como se estivesse sòzinho. Tudo correu bem. A sala estava repleta. A sinfonia de Gerner iniciou o concêrto. Em seguida a minha ilustre pessoa executou o Allegro do Concêrto em Mi menor, que saiu às mil maravilhas no piano Streicher. Os aplausos foram vigorosos. Soliva regeu muito contente, por causa de sua Ária com côro, cantada pela senhorita Wolkow vestida de azul e parecendo um anjo. Depois da Ária, o Adágio e o Rondó (isto é, a 2.ª e a 3.ª parte do concêrto), seguindo-se o intervalo. Quando o público voltou do *buffet* e desimpediu o estrado, onde muita gente subiu para relatar o efeito produzido, a segunda parte do

concêrto principiou com a abertura de "Guilherme Tell". Soliva regeu com grande maestria e a impressão causada foi tremenda. Desta vez realmente o italiano mostrou-se tão gentil comigo, que seria difícil não lhe ficar grato. Em seguida, Soliva regeu a Ária da Srta. Gladkowska, vestida lindamente de branco com rosas no cabelo — ela cantou a Cavatina de "La Dama del Lago" de Rossini, como nunca... Depois de tê-la acompanhado a descer do palco, pus-me a tocar o Pot-pourri de canções polonesas (Fantasia Polonesa). Desta vez entendi-me com a orquestra e a platéia soube apreciar. Enfim, o último "Mazur" (10) mereceu grandes palmas, depois das quais — questão de protocolo — fui chamado outra vez à cena... não houve nenhum assobio, e tive tempo de fazer quatro reverências, mas de um modo decente, porque Brandt me ensinou ... Já não penso em nada, senão na arrumação da bagagem... Sábado ou quarta-feira, vou-me...". Em outra carta do mesmo tempo, lê-se: "A mala para a viagem já está comprada; o enxoval todo pronto, as partituras corretas, os lenços bordados, as calças novas provadas, etc, etc. Só me resta despedir-me... e isso é o mais desagradável".

Na véspera da partida, os amigos ofereceram-lhe um banquete de despedida, presenteando-o com uma taça de prata gravada, contendo um punhado de solo pátrio. Chopin chorou, de tão comovido. No dia seguinte — 2 de novembro de 1830 — despediu-se dos pais e irmãs, e subiu na diligência. Atrás da barreira de Wola esperava-o uma surprêsa: seus colegas, junto com Elsner cantaram, acompanhados de guitarra, uma canção com texto adaptado à ocasião. Acabaram em côro: "Apesar de abandonares nosso país, teu coração permanece entre nós..."

Sòmente seu coração voltou, porque êle nunca mais iria rever a pátria. O punhado de terra natal foi despejado em cima do seu caixão em Paris, dezenove anos mais tarde.

CAPÍTULO II

ENTRE VARSÓVIA E PARIS

Saiu pelo mundo, provido de felicidade. A casa paterna proporcionou-lhe recordações que o acompanharam durante a vida tôda. Tinha amor à sua gente e a idade ainda fêz aumentar êsse sentimento. Do "Bom Ninho", onde transcorreu sua infância feliz, trouxe educação esmerada, boas maneiras de moço discreto e brilho de mundano. A escola não lhe deixou lembranças desagradáveis. Varsóvia, a cidade de sua juventude, proporcionou-lhe o que pôde, em matéria de educação musical. O que alí foi dado ver e ouvir ao jovem Frederico — bastou ao seu talento tão desejoso de adquirir os modos de músico europeu. E mil recordações sociais continuaram a ligá-lo a Varsóvia — colegas, amigos, o público grato e lembrado. A pátria deu-lhe a alma polonesa, cujo ardor nunca esmoreceu no solo estrangeiro. A época imprimiu nêle o cunho do romantismo polonês, dando-lhe fé no apostolado da cantiga popular, desejo de experiências incomuns, gôsto pelo mistério da noite romântica, com uma nota de terror de balada. Chegou à profissão de músico simplesmente, sem ter que lutar em busca de sua vocação, pois evidenciou-a desde a infância. Partindo de Varsóvia, o pianista e compo-

sitor de vinte anos levava consigo na "mala recém-comprada" manuscritos de dois concertos para piano, ambos compostos em Varsóvia e alí executados pela primeira vez em público. Para onde ia? — Com destino a Viena, primeiro. Alí já era conhecido desde as duas apresentações do ano anterior (1829) e possuía ótimas relações entre os meios musicais vienenses. E depois de Viena para onde? — O próprio Frederico não o sabia ainda. Alguns aconselharam-no a ir à Itália. Êste país ainda estava envolto na tradicional auréola, vinda do passado, de ser a pátria, o berço da música. Na realidade, naquele tempo todos os gêneros musicais já estavam em decadência na Itália, exceto a ópera. E se a ópera italiana tinha ainda importância mundial e na época êste gênero musical era considerado comumente como o mais elevado, Paris, mais que qualquer outra cidade, era a sua capital! Ali resplandeciam os grandes astros do canto italiano, ali agiam Cherubini, Rossini, Bellini e mais tarde Donizetti. — Uma ópera que triunfasse em Paris triunfaria no mundo, o mesmo acontecendo aos virtuoses. Dalí repercutia mais fortemente a fama do violinista Paganini, alí se estabeleceu e começou a brilhar Franz Liszt, — em Paris realizava-se um perpétuo torneio de virtuoses.

O ambiente musical da Alemanha era bem diverso. Havia nas cidades óperas bem regidas, multiplicavam-se as associações de canto, cultoras da música sacra, dos oratórios e cantatas. O público era disciplinado e sistemático, não se apegando apenas à ópera e à arte dos virtuoses. Quanto a Londres, tinha sólidas tradições corais. Mas também recebia com prazer óperas italianas, apreciando todos os gêneros musicais, pagando bem aos artistas. Os músicos do continente iam a Londres para enriquecer — alí se estabeleceram Gramer, Moscheles, Clementi e muitos outros. O que se passava então, musicalmente falando, em Viena?

Quando, por ocasião de sua primeira estada em Viena, amigos encorajavam o músico a voltar, Chopin declarou tìmidamente, que "alí voltaria para estudar", sentindo, talvez, que Viena poderia beneficiar a sua arte, antes que ela encontrasse seu verdadeiro ambiente — Paris ou Londres. As grandes tradições de Viena, cidade dos compositores estavam ainda bastante vivas. Havia muita gente, a se lembrar do tempo em que cruzava na rua com Mozart, Haydn. Beethoven tinha morrido há pouco tempo e Schubert um ano após. Vários alunos de Beethoven viviam ainda, entre êles J. N. Hummel "o depositário do antigo estilo de piano", Karol Czerny — o gênio diligente da pedagogia do piano, mestre do jovem Liszt — e muitos outros músicos e melômanos, seus conhecidos e amigos artísticos. O grande espírito de Beethoven parecia às vêzes pairar ainda sôbre a cidade. Mas Viena era volúvel e agora estava transtornada com as óperas ligeiras de Rossini, dançava as valsas de Lanner e de Strauss-pai. Viena achou sua dança, a valsa achou sua cidade e principiou a loucura da valsa. Dançava-se, para descarregar a energia vital, porque a vida de Viena, na época pré-constitucional, (1) era sonolenta, e todo o movimento literário severamente controlado pelo govêrno reacionário de Metternich. Embora a política não constrangesse a música, esta se apoquentou, contudo. Permaneceram as bibliotecas, as editôras, um passado esplêndido, e o público, de gostos obsoletos, mas bem experiente. Viena não era mais aquela capital da música e Paris pelo menos era a feira das glórias e da reputação. Os oito meses da estada de Chopin em Viena decorreu num concêrto coletivo, executando com acompareceu num concêreto coletivo, executando com acompanhamento da orquestra o seu Concêrto em Mi menor. Quase nada sabemos sôbre seu trabalho de composição. E' muito provável que as notícias da pátria, a preocupação pela sorte dos entes queridos e o mau estado de saúde,

nesse primeiro inverno passado em Viena — tenham provocado um intervalo na sua criação artística. Tampouco deve ter ficado completamente inativo, obras estavam amadurecendo, talvez as séries de noturnos, estudos, mazurcas e polonaises fôssem aumentando — mas as cartas de Chopin, escritas de Viena, não nos dizem quase nada sôbre o assunto. O seu pensamento está em Varsóvia. Remorsos assaltam-no por estar longe da pátria e não encontra esquecimento na rotina social. "Meu Deus... ela (Constância) e as manas podem ao menos contribuir com ataduras, e eu?... Se não fôsse pelo fato de papai se achar agora em situação difícil, voltaria imediatamente. Amaldiçôo a minha partida... Estou farto de todos êsses jantares, *soirées*, concertos, danças, que me aborrecem. Sinto-me triste, só, angustiado. Gosto dêsse estado, mas não de um modo tão cruel. Não posso proceder a meu bel-prazer. Sou obrigado a me enfeitar, pentear e calçar. Nos salões apresento-me calmo e, de volta à casa, trovejo no piano. Não tenho intimidade com ninguém. Trato a todos com polidez. Há gente, que "soi disant" gosta de mim, pinta meus retratos, procura me agradar, rodeando-me de amabilidades, mas que me adianta isso se não me sinto tranqüilo?..."

Nesta carta, escrita no Natal a Matuszynski, as saudades daquele que "troveja no piano" derramam-se com tristeza. E, provàvelmente, o vento não leva essas confidências pianísticas. Porque, certa vez, êle escreve, que "é preciso agarrar e anotar imediatamente as primeiras inspirações do pensamento... isso não é fácil, porque elas surgem como clarões... e depois é preciso lembrá-las com tôda a precisão... Trato de apanhar as menores sombras da primeira inspiração e elas, bandidas, escapam como pulgas..." Assim é Chopin: nós veneramos suas melodias como santidades e êle escreve, com humor, que suas idéias musicais são "pulgas, que lhe escapam".

Mas existem para êle coisas tão sagradas, que nunca lhe viria à cabeça gracejar delas. De Varsóvia chegam colegas, conhecidos, amigos, — membros do Govêrno Provisório, participantes do Levante (2). Êles não conhecem seus receios, sua inquietação e correm à cidade à procura de diversões. Os poloneses sempre gostaram de Viena... Êle estranha tanta despreocupação, imaginando que o momento histórico exigisse maior seriedade.

Sempre tem tratado com a máxima gravidade a causa da Polônia, êle que George Sand qualificaria um dia de "mais polonês que a própria Polônia".

Se Chopin participa apenas espiritualmente do Levante de novembro, isso se deve ao fato de que os compatriotas acabaram por persuadí-lo — não sem dificuldade — sôbre a sua inaptidão para o serviço militar; a vocação individual destina-o a outro setor do serviço nacional. Missão elevada — porque êle faz uma idéia muito alta da música polonesa; não suporta composições baratas e fáceis de pretenso cunho nacional. Uma vez em Viena, acaba indo a um concêrto, no qual o violinista Herz tocou suas váriações sôbre motivos poloneses, e, em seguida escreve: "Pobres motivos poloneses! Nem sabeis com que lorotas os recheiam, chamando a isso, para atrair o público, de música polonesa. Defenda depois disso a música polonesa — arrisque uma opinião sôbre ela, e tê-lo-ão por um louco..." Anos depois, o próprio Chopin iria sentir sôbre a sua própria pessoa a incompreensão de compatriotas do vulto de um Mickiewicz (3), um Slowacki (4) ou um Krasinski (5), que em relação à polonidade de sua música, não avaliavam a nobreza, responsabilidade, requinte e elevação com que Chopin entendia a música polonesa. Polonidade, isso não significava para Chopin êsse atraente "traje nacional", como por exemplo o traje húngaro com que se revestiam as rapsódias de Liszt. Segundo Chopin a arte tira sua transcendência do tesouro

de relíquias nacionais. Aliás não se considerava apóstolo da música polonesa, nem seu anunciador — João Batista. Certa vez, escreve: "Mozart abraçou a totalidade da criação musical e a mim só me vem à cabeça o teclado... Mas conheço meus limites e sei que cairia no ridículo se me empinasse e alçasse às alturas, sem ter capacidade para tal... Andam me metendo na cabeça que devo escrever sinfonias, óperas e querem fazer de mim um "fac-totum", um Rossini, Mozart ou Beethoven polonês ao mesmo tempo. Rio-me em surdina e penso que é preciso começar com coisas pequenas. Sou apenas pianista, ainda bem que valho alguma coisa — depois de mim virão maiores, que abraçarão, mais amplamente, a música e, graças a êles, se expandirá e florescerá a música polonesa. Penso que mais vale fazer pouco mas bem, do que tentar tudo e realizar mal..."

"Tentar tudo, fazer pouco, mas bem" — isso para Chopin significa : limitar-se à composição pianística. Desde o momento em que deixou a Polônia, Chopin abandonou todos os demais gêneros de composição. Mas, no domínio da arte pianística, a música de Chopin significa um mundo de novas belezas e de nova poesia. Com êle o toque brilhante se espiritualiza, as passagens cintilantes adquirem encantos desconhecidos e as melodias polonesas comunicam à sua arte um colorido excepcional.

Chopin pertencia, com efeito, àquela categoria de românticos que escutava com interêsse e sagrada emoção a música popular.

Com os irmãos Kolberg mantinha relações amistosas. Foram êles, talvez, que despertaram o interêsse do jovem Chopin pelas canções do povo polônes, tendo-lhe mostrado suas coleções. E o próprio Frederico escutava música popular durante as férias passadas no campo. Vinha ouví-las em suas fontes, na bôca do povo. Ouvia e guardava-as na memória — não para integrá-las em seguida nas suas composições, pois isso raramente lhe acontecia, mas para criar dentro do seu espírito. Mais de uma vez pesquisou-se as semelhanças entre as melodias populas polonesas e as mazurcas de Chopin. Salvo raríssimas exceções, Chopin nunca se apropriou de melodia do povo, concebendo suas próprias músicas de acôrdo com a índole popular, que êle conhecia profundamente em todos os seus matizes. Êle próprio escreve, duma feita, que é preciso "destilar" a invenção alheia e o melhor consiste em não utilizá-las de todo. Oscar Kolberg, o etnólogo, mais jovem quatro anos do que Frederico, é que se tornaria um colecionador de melodias populares polonesas, uma espécie de "fotógrafo" de canção popular. Quanto a Chopin, êle foi o artista desta canção, músico-poeta, criando segundo o espírito da nação polonesa, mas com sua imaginação pessoal. Kolberg permaneceu como lavrador benemérito da gleba natal; Chopin, emigrado, poetizou a Polônia — uma Polônia que as saudades contínuas e ardentes tornaram ideal.

Não era emigrado no sentido exato da palavra, porque da Polônia saiu antes dos acontecimentos de novembro e munido de um passaporte legal. Mas no estrangeiro, sentiu-se sempre como tal. Em Paris ligou-se aos emigrados não querendo voltar à pátria governada pelo Czar. Foi emigrado voluntário e excepcional, pelo fato de nunca ter sentido a pobreza daquela gente, a indigência e o bater em vão a portas alheias. Alma polonesa, música polonesa, mas as finanças de Chopin não eram polonesas, o que também lhe emprestava algum encanto... E' verdade que, em Viena, teve que manobrar prudentemente com o capital de viagem, trazido da casa, e as mesadas paternas.

Mas para onde ir? O projeto de viagem à Itália cai, porque ali justamente se alastra um movimento revolucionário. Na Polônia o Levante se centraliza em tôrno de Varsóvia. Travam-se as batalhas de Stoczki, Wawer, Wielki Dab, Grochow. As esperanças se tonificam, a pri-

mavera está prestes a chegar. Chopin lê com sofreguidão nos jornais vienenses as notícias sôbre a Polônia. A inquietação não o abandona. Certa vez escreve no diário : "O Prater (6) estava magnífico hoje. Uma multidão de pessoas que não me interessavam em nada... Adorei a natureza verdejante... O perfume da primavera e essa inocência que ali reinava recordaram-me sentimentos infantis. Uma tempestade se preparava. Voltei para casa. A tempestade não desabou, e apenas a tristeza se apoderou de mim. Por quê? A própria música não me alegra hoje... A hora já é avançada e não concilio o sono. Não sei o que está me fazendo falta. E já passei dos vinte anos..."

De outra feita escreve : "Ontem fiz um lindo passeio pelas antigas fortificações · arquiduques em fraques, nobres, numa palavra, tôda Viena, estava presente". E outra vez ainda : "Anteontem, fomos com Kumelski e Czapek ao Leopoldsberg e Kahlenberg. O dia era magnífico. Nunca fiz um passeio mais lindo. Do alto de Leopodsberg descortina-se tôda Viena, Wagram, Aspern, Presburg, a abadia de Neuburg, o castelo onde permaneceu prisioneiro Ricardo Coração de Leão e tôda a parte superior do Danúbio. Depois do almôço fomos ao Kahlenberg, onde o rei Sobieski (7) acampara — mando a Isabel uma fôlha de lá. Ali se ergue a igreja, onde o rei serviu a Missa e promoveu seu filho Jacó a cavaleiro, antes de atacar os turcos. À tardinha dirigimo-nos ao Krapenwald, pequeno vale muito agradável, onde pudemos observar um estranho costume de rua. Os rapazes enfeitam-se dos pés à cabeça com folhagem e, nessa fantasia, como se fôssem arbustos, andando e dançando, vão de um visitante ao outro... Isso vem a ser a celebração da Festa de Pentecostes. Uma criancice original!"

As novas que vinham da pátria eram cada vez mais inquietadoras. Esperava-se o cêrco de Varsóvia. A cólera grassava. A existência inativa na cidade afastada da tragédia polonesa, entre homens muito contentes consigo — começava enfim a impacientá-lo. Essa agradabilíssima urbe acabaria por irritá-lo, até com a sua graça. Frederico escreve a respeito com suficiente clareza: "Freqüentemente corro na rua atrás de um Jas (Matuszynski) ou Tito Ontem poderia jurar ter visto Tito pelas costas. Mas, diabos o carreguem, era um prussiano!... .

Que todos êsses epítetos não Vos dêem uma impressão errada a respeito da minha educação vienense. A verdade manda que se diga, que aqui não há tanta polidez nem expressões de requinte na fala, tirando o "Geborshammer Diener" ("servidor obediente") nos finais, mas eu não aprendo aqui nada do que é vienense por natureza. Por exemplo, não sei dançar convenientemente nenhuma valsa e isso basta. Meu piano nunca as ouviu, apenas mazurcas... A gente daqui tem pavor da cólera, que até dá vontade de rir. Vendem orações impressas, que resguardam desta doença, não comem frutas e, sobretudo, fogem da cidade. Furam vossas cartas e colocam nelas um imenso sêlo de saúde, tal é o receio. Um mêdo pânico".

Como estranhar que seu espírito vibrante de inquietação se sinta enfim exasperado por essa cidade agradável mas sonolenta, com tradições culturais mas sem o pulso da atualidade, musical e, entretanto, não mais uma capital e sim uma sossegada província de música, adaptando-se cada vez mais aos gostos banais da burguesia. Num dado momento Chopin sente-se enjoado de Viena, "mas — escreve — minha partida estranhamente não se prepara. Nunca me aconteceu nada de semelhante. Sabeis como estou indeciso e aqui, enfrento obstáculos a cada passo. Prometem-me o passaporte todo dia, e, entretanto tenho que correr de "Herodes a Pilatos". Todo um mês devia decorrer em demanda do passaporte. "A essas preocupações, a que acabo de me referir, veio se acrescentar mais uma! quem viaja para a Baviera necessita de um Gesundheitspass

(certificado de saúde), sem o qual não deixam passar a fronteira bávara. Já gastomas com Kumelski meio dia a correr atrás disso... Alegra-me que nas intermináveis escadas das repartições tivemos ao menos boa companhia porque — a julgar pela aparência polonesa, pela linguagem apurada e pelo passaporte — Aleksander Fredro (8) — justamente providenciava um documento semelhante para seus criados... Nada me falta, apenas um pouco mais de vida, de ânimo: estou cansado mas, às vezes, sinto-me tão alegre quanto em casa. Quando enfrento momentos tristes, dirijo-me à caso da Sra. Szaszek. Ali encontro sempre algumas polonesas bondosas, cujas palavras sinceras e cheias das melhores intenções logo me fazem voltar o bom humor. Principio então a imitar os generais daqui. Trata-se de uma nova brincadeira, de minha lavra; ainda não a vistes. Mas aquêles que a assistem se arrebentam de tanto rir. Há dias em que ninguém consegue tirar de mim duas palavras e entender-se comigo. Então viajo por trinta Krajcar (9) para... Hietzing ou um outro lugar perto de Viena, para me distrair. Anteontem fêz-me uma visita o bravo Wurfel. Veio também Czapek, Kumelski, e muitos outros e fomos a St. Veit. Trata-se de um lugar bonito, o que não poderei dizer em relação ao que êles aqui chamam de Tivoli, onde existe uma espécie de carrocel ou montanha russa — o chamado Rutsch. E' uma tremenda besteira. Não obstante muita gente resvala com êsses carros de cima para baixo, sem nenhum objetivo. A princípio nem quis olhar aquilo. Mais tarde, como éramos oito — e todos bons amigos — começamos a resvalar apostando uma corrida. A brincadeira adquiriu a finalidade de competição e, de violento adversário dêsse estúpido passa-tempo vienense, tornei-me seu prosélito ardente. Quando recobrei o juízo, percebi que êsse é o modo pelo qual se divertem corpos sadios e fortes e se distraem espíritos capazes, justamente no momento em que a humanidade os chama para a sua defesa. Que os diabos os carreguem..."

Os prazeres inocentes do resvaladouro despertam escrúpulos patrióticos nesse homem estranho que talvez, naquele momento, já seja o autor do Estudo "revolucionário", no qual êsse "que os diabos os carreguem" se reveste de *pathos* shakespeariano. Não, Viena com seus passa-tempos burgueses não constitui a paisagem natural para êsse homem-vulcão. Êle deve procurar outra cidade. Seu passaporte mais eficiente é sua arte de piano. Mais um paradoxo — a música de Chopin já está perigosamente carregada de protestos, indignação, maldições que iriam explodir nos Scherzos, nos Estudos, nas Polonaises! Há pouco tempo ainda, êsse jovem encantador se impunha com brilhantismo de salão, e agora se transformava em um revolucionário. O homem e o artista amadureciam. Oito meses de estada em Viena constituíram um obstáculo às fôrças que se acumulavem, quando "sentia suas saudades ao piano" ou nêle "trovejava". Chegou a Viena diferente daquele que ali estreara um ano atrás, tocando suas elegantes "variações". Agora partia de lá ainda indiferente.

Em Viena, adoeceu sèriamente pela primeira vez. Tratou-o o dr. Malfatti, amigo de Beethoven, rico e hospitaleiro melômano que simpatizava com Chopin. O velho Hummel pintava Chopin "em robe de chambre, com o rosto inspirado" (que fim levou êsse retrato, feito pelo famoso pianista?); Cezrny era mais terno — "que tôdas as suas composições". Nideckis estudava o Concêrto em Mi menor. Chopin tocava com os melhores músicos de Viena, o editor Haslinger imprimia as "Variações"; entretanto não pagou os honorários a Chopin e êste por sua vez não estava empenhado em deixar imprimir suas obras gratuitamente — "talvez êle (Haslinger) pense que, simulando não ligar às minhas peças, eu acredi-

tarei nisso e lhas darei gratuitamente? Mas essa coisa de gratuitamente já acabou, agora *bezhal* (paga), animal." Quando num restaurante italiano, escuta por acaso um vienense dizer a propósito do levante de Varsóvia : "Deus errou quando criou poloneses", tem acesso de raiva e escreve : "canalhas". "E, embora os vienenses não o mostrem, estão realmente contentes. Há mais de um mês que muita gente elegante vem se reunindo em frente à loja de um salsicheiro francês recém-chegado. Sempre têm alguma coisa a ver com êsse francês — alguns acreditam que é a conseqüência da revolução francesa e olham com piedade as lnigüiças expostas nas vitrinas; outros encolerizam-se pelo fato de um francês rebelde ter direito de abrir uma loja com presuntos, quando não faltam porcos no país. Em tôda parte só se fala do francês e é de recear que se algo suceder, porventura, será por causa dêle... Provàvelmente, os presuntos na loja do francês lembravam aos vienenses, de um modo desagrável, a revolução parisiense de julho. O *biedermeier* vienense — burguês da época, que se seguiu ao Congresso de Viena — receava a revolução, dando grande valor à sua sagrada tranqüilidade.

Chopin sentia porém a sagrada agitação daquele momento, não suportava mais viver numa cidade onde as autoridades temiam a Paris revolucionada.

Seu passaporte rezava "de passagem por Paris, a caminho para Londres". A 20 de julho de 1831, partiu de Viena seguindo para Munique, em companhia de seu amigo Kumelski. Passaram por Salzburg. cidade natal de Mozart. Demoraram-se em Munique. Depois de algumas semanas, Chopin escreve no caderno de notas: "Os jornais e cartazes já estão anunciando o concêrto que darei daqui a dois dias; sinto-me tão indiferente, como se o concêrto nunca devesse ter lugar. Não ligo aos louvores que me parecem cada vez mais estúpidos, — desejo a morte — de novo que-

ria rever meus pais. Forma-se diante dos meus olhos sua imagem — tenho a impressão de não a amar e entretanto não me sai da mente. Tudo quanto vi até agora no estrangeiro parece-me obsoleto, insurpotável, fazendo-me suspirar pela casa paterna, por essas horas divinas que eu não soube apreciar. — Acho hoje comum o que antes considerava grandioso — e o que outrora me parecia comum, vejo-o agora incomparável — magnífico — grande de mais — elevado de mais. A gente daqui não é minha, é boa, mas boa por hábito; fazem as coisas com demasiada mediocridade. Não desejaria nem sequer me sentir mediocre." Dois dias depois teve lugar o concêrto de Chopin; tocou o Concêrto em Mi menor — com sucesso: — a imprensa achou que o compositor obteve "um sucesso merecido".

Em Stutgart, onde chegou nos princípios de setembro (1831), Chopin soube da derrota do levante e da capitulação de Varsóvia. E — uma única vez, ao que parece, escapam-lhe palavras patéticas, as quais anotou no diário : "Coisa esquisita. Talvez esta cama na qual vou me deitar, já tenha servido a mais de um moribundo, e entretanto isso hoje não me repugna. Talvez mais de um cadáver tenha ficado estendido nela e por muito tempo. — E em que um cadáver é pior do que eu? Um cadáver também nada sabe do pai, da mãe, das irmãs, de Tito! — O cadáver tampouco tem namorada. — Não pode falar seu idioma com os que o cercam. —...Porque vivemos uma vida tão miserável, que nos definha e só nos serve para fazer cadáveres! — Os relógios das tôrres de Stutgart batem a hora noturna. — Ah, quantos cadáveres não se fizeram neste momento! — Crianças perderam mães — mães perderam filhos — quantos planos aniquilados — quanta tristeza não há neste momento por causa dos mortos e quanta alegria. — ...Vê-se então que a melhor ação do homem é a morte — que será então o pior?... Tenho pois razão de me enfurecer por ter saí-

do pelo mundo! — Que proveito se tirará de minha existência?... Portanto não me falta muito para uma identificação matemática com a morte. Não a desejo hoje — a não ser que vós, meus filhos, estejais passando mal, e só desejeis a morte! Porque anseio loucamente rever-vos — não ùnicamente para minha felicidade, pois sei o quanto me amais. Ela só fingia. — Ou finge. — Será que ela me ama? — Que faça o que quiser. Hoje tenho na alma sentimentos mais elevados, mais elevados, muito mais elevados de que... a curiosidade... Ah, não pude chorar por muito tempo. — Como estou bem... saudoso. Saudoso e bem! — Que sentimento é êste? Bem e saudoso... Que estado estaranho — ...O cadáver deve se sentir como eu me senti no momento em que acabei de chorar. — Parece que foi uma agonia momentânea de meus sentimentos. Por um instante morri para meu coração. — Porque não foi para sempre? — Só, só. — Ah, não posso descrever. — O coração quase arrebenta de tôdas as alegrias e grandes prazeres que conheceu durante êste ano. — Meu passaporte esgota-se no mês vindouro — não posso viver no estrangeiro — ao menos não o posso legalmente. Por isso parecer-me-ei ainda mais com um cadáver..."

Stutgart. "Escrevi as páginas anteriores sem saber que o inimigo está em casa! — Os suburbios destruídos — incendiados... — O' Deus, existirás? O' Deus, existes e não te vingas! — Não te bastam estas barbaridades moscovitas — ou será que Tu mesmo és moscovita! Meu pobre Pai. — meu bom pai — talvez estejais com fome, e não haja com que comprar pão para mamãe! Talvez as manas tenham caído vítimas da corja desenfreada. O' Pai, que prazeres para tua velhice! — Mamãe sofredora, querida mamãe!..."

Stutgart. "Que se passa com ela? Onde está? — coitada!... E meu pai? De tanto desespêro não saberá como agir, não há ninguém para amparar mamãe. — E eu sou

inútil — estou com as mãos vazias — às vêzes só suspiro, choro no piano — desespero-me — e daí? Deus, Deus, abre a terra para que ela trague os homens dêste século. — Que os suplícios mais ferozes se abatam sôbre os franceses que não nos acudiram."

Na imaginação envenenada nascem visões febris, multiplicam-se imagens terríveis — durante as noites, quando os relógios das torres de Stutgart batem com monotonia as horas... Será que Chopin neste momento não faz conscientemente "literatura"? — Não, ao escrever cartas nunca pensa na possibilidade de serem elas publicadas, e seu diário de Stutgart tampouco tem pretensões literárias. Luta com seus terrores e saudades, faz a sua acusação da vida. E, excepcionalmente, desta vez, com palavras escreve obras musicais. Porque nas palavras de Chopin encontramos todo seu estilo : transporte dramático, conhecido por nós nas Baladas e Scherzos, paixão e pessimismo que mais tarde encontraremos na Sonata em Si bemol menor, na qual pensamentos exasperados, visões fantasmagóricas e o terror terão culminado em irônicas blasfemias.

E no meio dêsses dramas — interrupções líricas : "bem — saudoso". E ainda o ondear dos estados de alma e o fluir dos sentimentos, contradições que nas óperas encontramos tão freqüentemente: amo — odeio, amor — morte, desespêro — felicidade. Chopin não se deixou seduzir por têrmos poéticos, não declama como Gustavo-Conrad nos "Antepassados" (10) ! Mas suas confissões de Stutgart constituem um equivalente a um comentário sentimental daquilo que êle então sofre, chora e "troveja no piano". Não sabemos se o Estudo em Dó menor chamado "revolucionário", a primeira Balada, o Scherzo em Si menor, e o Prelúdio em Ré menor foram escritos sob a impressão direta da derrota. A ligação entre estas composições "revolucionárias" e a tragédia da Polônia é indiscutível, e o diário de Chopin seria a prova mais decisiva disso. Chopin

abandona os moldes estreitos de virtuosismo brilhante, os encantos e os sentimentos de jovem romântico, para se colocar entre os grandes espíritos dos emigrados poloneses e junto com êles "galgar o cume da polonidade".

Em princípios de setembro de 1831, chega a Paris.

CAPÍTULO III

OS PRIMEIROS ANOS EM PARIS

Nos princípios de setembro de 1831, uma diligência está a entrar em Paris. Nos arrabaldes da cidade, um jovem magro e delicado sentou-se ao lado do cocheiro. Está agora conversando com êle, enquanto êste lhe indica as igrejas e os edifícios. Como é grande o movimento nas ruas! A revolução que destronou Carlos X ainda continua?

—Na estalagem, Chopin recebe alguns endereços — instala-se em seu primeiro apartamento em Paris, no Boulevard Poissonière. Ali possui, no quinto andar, um "quarto lindamente mobiliado de acaju, com um balcão que dá para o boulevard; de onde se vê Montmartre até o Panthéon — todo um belo mundo! Muitos invejam-me o panorama, mas ninguém — as escadas".

Semelhante é a própria situação de nosso homem; belas perspectivas, mas na vida esperam-no escadas. Aqui êste jovem, que, em Viena, se considerava ainda "o ser mais indeciso do mundo", mostra-se diligente e desembaraçado. Poucos dias após a chegada, "lança-se no mundo apesar de ter sòmente um ducado no bôlso". Descobre numerosos conhecidos, seus compatriotas, com facilidade "trava novas amizades". Graças às cartas de apresentação, ingressa nos circulos musicais, encontra-se com compositores

parisienses: Rossini, Cherubini, Paer, — e com os melhores pianistas. Escreve a Woyciechowski: "Não sei se em lugar algum há mais pianistas do que aqui, mais burros e virtuoses"! Paris era uma espécie de bôlsa, onde se cotavam os virtuoses. Aqui Chopin devia pois medir seu valor e perscrutar suas possibilidades. Por isso escreve logo: "...talvez me demore em Paris mais do que contava. Não porque esteja bem aqui — mas com o tempo espero melhorar". Se fôr bem sucedido, fixar-se-á em Paris em vez de seguir para Londres, como era, a princípio, sua intenção. Para tanto, deve entrar em contato com os pianistas. Conhece Liszt, Kalkbrenner, Mendelssohn (que está passando tempo em Paris), Herz, Hiller, Osborne, Stamati. Almoçam juntos no restaurante, visitam-se, fazem músicas juntos. Liszt era o "Rei do piano". Já estava envolto na glória de primeiro pianista, causava admiração pelo brilho de tom perfeito e pela destreza com que vencia as dificuldades técnicas. E entretanto, quando teve pela primeira vez nas mãos o manuscrito dos Estudos de Chopin, compreendeu que se tratava de um novo mundo pianístico, de um novo tipo de maestria. Ficou muito impressionado. A mera rotina técnica não podia dar conta dêsses poemas de piano, cintilantes e de encantos até então desconhecidos: era preciso estudar os Estudos de Chopin. Dizem ter Liszt se afastado por algum tempo da cena, para reaparecer depois de alguns meses brilhando na execução dêsses Estudos. Tocava-os tão bem, que o próprio compositor invejava francamente a interpretação. A amizade artística entre Chopin e Liszt devia tornar-se duradoura, apesar de Chopin não gostar das composições de Liszt.

Entretanto, nos primeiros tempos de Paris, Chopin não sente a sua própria madureza como pianista virtuose. Pediu conselho a um velho compositor — o pianista pedagogo Kalkbrenner, o qual a princípio falou nuns três anos de estudos necessários a Chopin. Frederico escreveu sôbre

isso aos pais em Varsóvia. Inquietos, o pai, a irmã Ludovica, e o velho Elsner, chegaram a suspeitar Kalkbrenner de inveja. Apesar disso Chopin, em nada desanimado, trabalhou por algum tempo sob a direção dêste. Entretanto as aulas tomaram cedo um caráter de simples troca de idéias, os dois músicos tornaram-se camaradas e Kalkbrenner não se considerava de todo mestre de Chopin. Afinal de contas de quem Chopin era discípulo? Quando menino, em Varsóvia, estudou com Wojciech Zywny, mas já nos primeiros anos se libertou da pedagogia do professor, que deixara de ensinar e apenas admirava o aluno que se tornara autodidata. O modo pelo qual Chopin, gênio do método, aprendia sem professor através da observação de outros pianistas e compositores, permanecerá como prova estonteante de sua grandeza. Tratava de "asnos" aquêles virtuoses para os quais a arte do teclado consistia ùnicamente na mecânica eficiente dos dedos e na ostentação. Para Chopin "a música era um canto", o piano era um instrumento de canto, o brilhantismo não podia existir por si mesmo, a música nunca devia se afastar de seus significados e finalidades mais profundas. Não raras vêzes êle aconselhava seus alunos a se exercitar no canto e a ouvir bons cantores.

Ainda em Varsóvia Chopin freqüentava assìduamente a ópera. Que mundo de canto descortina então, diante dêle, ao ouvir os melhores cantores italianos e franceses em Paris! Na ópera francesa, cujo título oficial era "Academia Real de Música", cantava o tenor Adolf Nouritt "o rei dos cantores", brilhando justamente no papel principal da nova ópera de Giacomo Meyerbeer, "Roberto, o Diabo". Na ópera itliana (Théâtre des italiens) Chopin podia apreciar as cantoras: Paste, Malibran, o tenor Rubini; no Opéra-Comique, as francesas: Casimir, Prévost e o tenor Chollet. "Numa palavra, sòmente aqui chega-se a saber o que é o canto" — escreveu êle numa carta a Elsner. Assiste aos concertos sinfônicos no Conservatório,

na execução da excelente orquestra regida pelo maestro Habeneck e concertos de virtuoses realizados nas salas Pleyel e Erard. Nos teatros dramáticos vê peças em voga, os discutidos dramas de Victor Hugo; num dos pequenos teatros diverte-o uma peça girando em tôrno do recente levante da Polônia com nomes poloneses bàrbaramente truncados.

A causa da Polônia desperta uma simpatia geral em Paris. Depois dos meses passados em Viena, Chopin se setne à vontade nesta cidade que o interessa, onde o meio musical lhe proporciona muitas impressões vivas e novas e cujas rodas sociais recebem-no de braços abertos. Mas tudo isso não constitui ainda uma base para o futuro. Há momento em que êle se sente muito só; tem saudades dos amigos, de Tito, principalmente. Escreve-lhe "...Sabes com que facilidade travo amizades — sabes como gosto de tagarelar. Tais amizades, tenho-as a fartar, mas não há ninguém que compartilhe comigo as tristezas. No que diz respeito a meus sentimentos sempre estou em "síncope" com todos êsses amigos. Por isso sofro, e não imaginas como anseio por uma trégua, sem parolagem de manhã à noite". Reflete sôbre o futuro, compreende como é difícil para um compositor chegar a ser conhecido, vendo como Meyerbeer teve que trabalhar durante anos a fio, chorar e esperar pelo sucesso, como os jovens compositores "aguardam de braços cruzados a apresentação de suas óperas, sinfonias, cantatas". Chopin julga suas esperanças de compositor aniquiladas e "é obrigado a pensar em abrir caminho como pianista, deixando de lado, por algum tempo, perspectivas artísticas..." E' quase trágica essa resignação momentânea de Chopin, já autor de dois concertos, no que diz respeito a "perspectivas artísticas mais altas" isto é, à carreira de compositor. Em primeiro lugar, deseja êle firmar sua posição, trabalhar, ganhar, não ser "um fardo para o pai". Na carreira de pianista-virtuose já sabe

que "possui equipagem própria, tendo apenas alugado o cocheiro" — entendendo por isso o trabalho temporário com Kalkbrenner.

Sua saúde decai às vêzes, principalmente em tempo de inverno. Numa carta dirigida a Tito Woyciechowski, já mencionada, escreve: "...para dizer a verdade o estado de minha saúde é miserável — exteriormente sou alegre, sobretudo entre os nossos (por nossos, quero dizer, os poloneses) — mas por dentro algo me tortura — pressentimentos, inquietações, pesadelos ou insônias — saudades — indiferença — desejo de viver, e, por momentos, desejo de morrer — ou então uma paz deliciosa, um entorpecimento, uma ausência de espírito, outras vêzes, uma memória lúcida. Um gôsto ácido, amargo, salgado, — um redemoinho repugnante de sensações agita-me. Sinto-me mais estúpido do que nunca. Meu amigo, perdoa-me, já basta. Vou me vestir agora e irei, ou melhor, seguirei de carro para o almôço a que fui convidado".

Nesses momentos de alegria ou desânimo, não esquece o seu principal problema: a sua estréia em público. Isso não é tão fácil, nem mesmo para o pianista que em quatro meses de Paris já conseguiu criar um nome nos meios musicais. Duas vêzes foi preciso adiar o concêrto, que por fim, a 26 de fevereiro de 1832, se realizou na sala Pleyel — o artista executou seu concêrto em Fá menor e Variações sôbre o tema de "D. Juan". Apesar da maioria das entradas terem sido compradas pelos seus compatriotas, sua estréia foi um acontecimento, no mundo musical parisiense. O jovem pianista compositor, ainda desconhecido do público, já possuía um certo renome entre os meios artísticos. Músicos parisienses, como o famoso violinista Baillot, os pianistas Kalkbrenner, Stamati, Osborne, Hiller tomaram parte no concêrto, documentado assim que consideravam Chopin como colega. Franz Liszt e Félix Mendelssohn, que se encontravam na platéia, aplaudiram viva-

mente Chopin. O principal crítico parisiense, F. J. Fétis, glória da musicologia francesa, escreveu na "Revue Musicale": ..."é um jovem que... não tomando ninguém por modêlo. encontrou algo inteiramente novo... uma abundância de idéias originais, cuja ascendência é impossivel indicar... os ouvintes, admirados, ficaram agradàvelmente suspresos tanto pela novidade da melodia e gênero das passagens, como também pela modulação e caráter dos motivos... Há alma nas melodias, fantasia nas passagens e muita originalidade..." Mais adiante, o crítico ressalta a execução elegante de Chopin, leve, cheia de encantos; nota, como observaram os críticos vienenses, alguma falta de fôrça. Outros músicos e críticos presentes reconheceram nêle, sem restrição alguma, um excelente mestre do piano. Antônio Orlowski, violinista polonês que se estabelecera na França, escreveu a seus pais residentes na Polônia: "...Nosso querido Frederico deu um concêrto que lhe trouxe muita fama e um pouco de dinheiro. Matou todos os pianistas daqui, Paris inteira ficou pasmada. Aliás eu lhe predisse tudo isso logo após sua chegada". Orlowski aconselhava Chopin a se estabelecer em Paris e abandonar e idéia de ir para Londres. Liszt, Hiller, Sowinski, eram da mesma opinião, mas Chopin tinha saudades da Polônia — pensou uma vez em partir para América. O êxito do concêrto não influíra muito para modificar sua situação. Não havia aulas para dar nessa cidade onde os pianistas eram "tão numerosos quanto os cachorros". Frederico já estava quase desesperado quando, de súbito, caiu do céu a oportunidade tão desejada. Encontra-se na rua com Valentim Radziwill, conta-lhe que deseja imediatamente deixar Paris. O principe, admirado, não o desaconselha, insiste apenas, que Chopin o acompanhe nesse dia a uma recepção na casa dos Rotschild. Chopin foi, tocou, improvisou e encantou a todos. Recebeu imediatamente vários convites e obteve algumas aulas. E já nesse mesmo ano de 1832, tornou-

se o professor de piano mais disputado de Paris. Dava cinco aulas por dia à razão de 20 francos a hora; era êle quem melhor ganhava de todos os emigrados poloneses!

A sorte mudara mas não o homem. Escrevendo ao companheiro das férias passadas em Szafarnia, a Dominik Dziewanowski, censura-se por não ter dado sinal de vida durante algum tempo, explicando: " Estou sendo disputado por todo mundo. Ingressei na alta sociedade, sento-me entre embaixadores, príncipes, ministros e nem sei como, pois eu por mim mesmo não procurei elevar-me a esta posição. Isso é da maior importância para mim, uma vez que, ao que parece, o bom gôsto é ditado por êles; tens maior talento se fores ouvido no embaixada inglêsa ou austríaca; tens maior talento se fores protegido pela princesa Vaudemont... Alunos do Conservatório, alunos de Moscheles, Herz, Kalkbrenner, numa palavra, artistas consumados, procuram-me para lições; colocam meu nome logo após o de Fieldowski, enfim, se eu fôsse ainda mais estúpido acreditaria que alcancei o auge de minha carreira; entretanto, compreendo quanto ainda tenho pela frente, e tanto mais, que vivo entre os melhores artistas e conheço as imperfeições de cada um. Mas até estou envergonhado de ter escrito tantas bobagens. Gabei-me como uma criança... Tenho que dar cinco aulas hoje, é de pensar que farei fortuna, mais o cabriolé e as luvas brancas, que são indispensáveis ao bom-tom, custam mais do que isso... Por mim, sou revolucionário e por isso não dou valor ao dinheiro, e sim sòmente à amizade, pela qual rogo e suplica".

No decurso de 1832, Chopin torna-se uma figura famosa nos meios musicais de Paris. Êle mesmo zomba um pouco da moda elegante, que é obrigado a adotar — mas os clientes e a profissão o exigem. Freqüenta a alta sociedade como igual entre iguais. Ganha bem mas é obrigado a manter uma carruagem, um empregado, a se vestir com requinte. Sempre foi atraído pela vida social, e em Paris

é "disputado por todos". Não obstante tem saudades daqueles que deixara em Varsóvia. De Paris, escreve ainda cartas a Constância Gladkowska; ela deixou de lhe responder, porque no mesmo tempo em Chopin preparava sua estréia em Paris, Constância casou-se. Isso esteve longe de constituir um golpe terrível para Chopin. Não era dêstes, que — como êle próprio dizia — "amam tresloucadamente". Em 1831, chegou a mencionar ainda numa carta que, num baile, "uma divindade com uma rosa nos cabelos pretos" o enlevara. Mais tarde, desapareceram de suas cartas confidências dêsse gênero; em vez de exteriorizar suas impressões, êle silenciava com a discrição própria aos mundanos...

Paris prende-o por laços cada vez mais fortes. A princípio via seu futuro na carreira de pianista e pensava em abandonar "por algum tempo as aspirações artísticas mais elevadas", isto é, a composição. Não obstante, encontrou logo uma posição conciliatória: raramente toca em público, escreve composições para piano e edita-as. Agora só cultivava êsse gênero. Durante o ano de 1832, preparou para a publicação seu "magnum opus" daquela época — a primeira série de Estudos. Saíram em 1833, assim como três Noturnos opus 9, Concêrto em Mi menor, Variações opus 12, e ainda outras composições trazidas de Varsóvia, Trio opus 8, Introdução e Polonaise opus 3 para piano e violoncelo. Se a isso acrescentarmos duas séries de mazurcas, já publicadas no ano anterior, e o fato de que cada opus era geralmente publicado ao mesmo tempo em Paris, Londres e Leipzig, vemos que Chopin enfileirava-se entre os compositores mais procurados e melhor pagos pelos editôres. A partir daquela época, Chopin vendia várias vêzes cada composição segundo o costume da época a editôres em diferentes países. Estava em condições de regatear com firmeza com as casas de músicas pois as lições de piano constituíam a base de suas finanças. O pesadêlo

de enfrentar o público tampouco o atormentava com freqüência... Chegou a dizer a Listz: "Não sirvo para dar concertos, o público intimida-me, sinto-me envenenado por sua respiração, paralisado pelos olhares curiosos, emudecido diante dos rostos estranhos..."

Chopin mudou-se do seu primeiro apartamento parisiense para um maior na Cité Bergère, e dêste para um ainda mais confortável à rua de la Chaussée d'Antin onde morou com o Dr. Alexandre Hoffman, de Varsóvia e, em seguida, com seu querido amigo João Matuszynski. Desejava ter sempre uma pessoa íntima ao seu lado — a doença perigosa já estava esgotando seu organismo, causando às vêzes acessos de nervos. Era ainda jovem e resistente, e, portanto, os primeiros anos em Paris foram anos de sucessos artísticos e trabalho. Orlowski escreve aos seus: "...Chopin está bom de saúde e forte, virou a cabeça de tôdas as francesas e os maridos sentem ciúmes seus. Chopin está na moda. Com certeza, daqui a pouco, calçaremos luvas à la Chopin. Devoram-no sòmente as saudades da pátria". Quando, uma vez, êsse aluno e amigo toca o Estudo em Mi maior, Chopin declara nunca haver composto melodia mais bonita... e de repente exclama: "O', minha pátria". A saudade de sua terra era "a fonte de onde corria o ardor de Chpin, as sagas de sua imaginação, a fôrça estranha do ritmo de seus sentimentos, o impulso de sua vida". Por que então não volta êle à pátria? Não era emigrado, pois tinha partido da Polônia antes dos acontecimentos de novembro. Entretanto, ligou-se aos emigrados poloneses em Paris, (1) e sentia que nessas condições, na Polônia, não podia alçar vôo. Toma parte nas solenidades patrióticas dos emigrados, serve aos compatriotas com seu talento, auxilia-os generosamente. Quando, no ano de 1832, nomeiam-o membro da "Sociedade Literária Polonesa", em epístola dirigida a Adão Czartoryski, agradece pela honra e declara "estar pronto a servir com tôdas as suas

forças". Êsses serviços à causa da Polônia êle os podia prestar ùnicamente lá, no exílio onde se tinham fixado os maiores vultos do pensamento e arte polonesa — em Paris.

Sentia Chopin que desfrutava no domínio da música de uma posição análoga à dos três vates geniais — Mickiewicz, Slowacki, Krasinski? Na realidade assim foi — pensamos hoje! Mas êles, os três grandes poetas — pareciam não avaliar o justo pêso da arte do compositor. Mickiewicz, com o qual Chopin chegou a se ligar, perguntou certa vez, "porque o Senhor Frederico não compunha uma ópera nacional", "O Senhor Frederico sorria em silêncio" — escreve Karol Szymanowski, (2) "e com surda obstinação não escrevia nenhuma ópera nacional — contudo colecionava sôfregamente suas jóias aparentemente débeis e miúdas, ciselando-as com o buril de sua preclara sabedoria, e temperando com a chama do coração ardente — e ninguém sabia naquela época como êle devia procurar nas mais profundas entranhas do solo pátrio, o barro precioso, que servia para modelá-las. Não se compreendia então plenamente quem era Chopin e sobretudo quem seria êle na Polônia e qual a mensagem que transmtia encerrado no círculo diáfano da solidão..."

Uma vez Chopin escreve a Delfina Potocka: "Andam me metendo na cabeça que devo escrever uma sinfonia, ópera, e querem fazer de mim um fac-totum, um Rossini, Mozart e Beethoven polonês ao mesmo tempo. Rio-me em surdina e penso que é preciso começar com coisas pequenas. Sou apenas pianista. Ainda bem que valho alguma coisa — depois de mim virão maiores, que abraçarão mais amplamente a música, e graças a êles se expandirá e florescerá a música polonesa. Penso que mais vale fazer pouco, mas bem... Não me afastarei nunca dêste princípio. Afianço-te que não me considero sequer o João Batista da música polonesa... Desejo ùnicamente escrever e deixar o

abecedário daquilo, que é realmente polonês, ensinando a abandonar o que é falsamente nacional. Talvez eu o consiga..."

Fica triste ao ver as discórdias entre os emigrados e, a respeito, escreve: "Estive ante-ontem no clube. Lá brigam como de costume. Desta vez tratava-se de substituir no jornal a palavra "nacionalidade" por "polonidade"... Depois caíram em cima de mim, por eu não escrever uma ópera nacional ou uma sinfonia, ocupando-me em vez disso a fazer graça nos salões e a compor "exercices" tolos. E já que não escrevo óperas, não devo produzir nada mais a não ser mazurcas e polonaises, porque isso sim, é música nacional. Deus me valha! o que êles não disseram! Silenciei porque não vou mostrar com o dedo a polonidade na minha música, se não a sentem. Também Mickiewicz lá estava num canto, fumando seu cachimbo, calado... Fiquei amargurado e triste. Tive vontade de chorar, saí sem me despedir de ninguém".

Tais dissensões na roda dos emigrados não o desanimam, entretanto. A "Sociedade Polonesa", chamada simplesmente de "Clube", reunia gente de várias espécies e de diferentes níveis intelectuais. Como estranhar, então, que em Chopin não vissem senão um músico talentoso, gozando de boa reputação em Paris, e por conseguinte, bem pago? Já nos parece mais estranho que Mickiewicz, Slowacki, Krasinski não tenham sabido muito mais sôbre êle. Da vida de Chopin, os poetas poloneses ficariam surpreendidos se alguém o quisesse incluir entre os grandes espíritos da Polônia romântica. Êle próprio não se sentia um vate, nem pensava em adotar atitudes de condutor da nação. Nós lhe erigimos hoje monumentos, e êle parece querer contribuir com suas cartas para a sua justa apreciação. Parece descer sorridente dos pedestais, que nossa veneração lhe devota — descer para sòmente estar entre nós, conosco, para

sempre acompanhar com seu espírito os destinos da terra natal.

Das cartas de Chopin, emanam encanto e singeleza, obras-primas que são de conversa espontânea. Constituem ainda uma crônica de sua vida, nem sempre exata, pois que as cartas rareiam após os primeiros sucessos em Paris. Parte delas perdeu-se; parte sòmente foi revelada nos últimos tempos e assim mesmo em cópias — trata-se da correspondência de Chopin com Delfina Potocka.

Chopin conheceu a condessa Delfina Komar em novembro de 1830, em Dresde. Casada com Miguel Potocki, filho de Szczesny, dono da herdade de Tulczyn, estava separada do marido. Desde 1832 passou a morar com as irmãs em Paris. Era uma mulher bela, de grande inteligência, e de muitos talentos, conhecida pela vida mundana que levava, e... pela falta de preconceitos burgueses. Amante da música e sensível à arte, travou com Chopin uma amizade estreita e duradoura. A intimidade que se estabeleceu entre êles nos anos 1832-1836, revela-se nas cartas de Chopin, alegres, muito francas, contendo numerosas observações interessantíssimas sôbre a música. Na ocasião em que prepara a segunda dúzia de seus "Estudos", escreve-lhe: "Passei noites inteiras com mulheres queridas que cantavam. Pois meus "Estudos" não são mulheres? (3) — mas com certeza delas não terás ciumes..." Aparece às vêzes, nestas cartas, por entre brincadeiras, um reparo sôbre a composição, sôbre uma obra sua que está sendo criada. Vemos que êle podia considerar Delfina como chegada a êle também em matéria de arte, já que lhe confiava suas opiniões particulares sôbre compositores, seus reparos, observações, juízos acêrca da música. À Delfina, sua Findelca — como a chamava — dedicou o concêrto em Fá menor, seu primeiro concêrto, executado ainda em Varsóvia, e agora provàvelmente retocado em mais de um detalhe, antes de ser publicado.

Delfina era frívola, endividou-se, voltou ao marido por algum tempo; de Tulczyn escrevia a Chopin. Depois de alguns anos vamos encontrá-la novamente em Paris, desta vez como amiga de Krasinski, com o qual viaja pela Itália — é ela a "musa", a "Beatriz" da "Alvorada" (4) de Krasinski, fato êste que não a impediu de renovar sua amizade com Chopin. Foi ela quem cantou para Chopin, moribundo.

Quando em 1835, Chopin soube que seus velhos pais iam passar o verão em Karlsbad, sem dizer nada a ninguém, tomou a diligência, a fim de surpreendê-los com sua visita. Eis alguns trechos da carta de Frederico de lá endereçadas às irmãs em Varsóvia: "Queridas irmãs, é a primeira carta que recebeis com a letra de papai e minha. Não há palavras para descrever nossa alegria. Nada fazemos a não ser abraçar-nos. Que pena não estarmos todos juntos... Como Deus é bondoso! Escrevo sem nexo; é melhor não refletir hoje! apenas gozar a nossa felicidade. E' a única coisa que possuo. São os mesmos pais, sempre os mesmos, apenas um pouco envelhecidos. Passeamos, damos o braço a mamãe, falamos de vocês, imitamos os sobrinhos endiabrados. Dizemo-nos quanto um pensou no outro. Bebemos, comemos juntos, agradamo-nos, ralhamos um com outro. Estou "au comble de mon bonheur". (5) Os mesmos costumes, os mesmos modos entre os quais cresci, a mesma mão que não beijava há tanto tempo. Bom, minhas filhas, abraço-vos, e perdoai-me por não ser capaz de coordenar meus pensamentos e não escrever sôbre outra coisa senão que somos felizes nesse momento; que sempre esperei por isso e que hoje se realizou nossa felicidade, felicidade, felicidade. Abraço-vos com tôda alegria e a meus cunhados, como a meus entes mais queridos neste mundo" Ch." — Pela última vez êle via os pais...

Depois da estada em Karlsbad, Chopin visita os Wodzinski, em Dresde. São velhos amigos ainda de Varsóvia. Maria, com a qual Chopin em menino brincava, se

tornou uma bela moça — e êle agora chegou de Paris, famoso, elegante... Mas revivem as recordações de Varsóvia. O tempo passa agradàvelmente — com visitas cotidianas, longas conversas... Ao despedir-se Chopin oferece a Maria seu manuscrito da "Valsa do Adeus", ela lhe dá uma rosa... No ano seguinte vai encontrar os Wodzinski em Marienbad. Passado o verão, ei-lo novamente em casa dêles, em Dresde. Ao cair de uma tarde êle se declara a Maria. Quando parte, Chopin considera-se noivo. Mas, dona Teresa, a mãe de Maria, não concorda, não consentindo visìvelmente na união da filha com o querido famoso, mas infelizmente fraco e doentio Chopin. Ela sabe que Chopin não cuida de sua saúde e que em Paris é "disputado por todos". Deveria era poupar-se, dormir cedo, tomar os remédios receitados. Por isso a situação fica mal definida — a decisão é por muito tempo adiada e Chopin mantido na incerteza; estabelece-se uma correspondência entre... a mãe Wodzinska e Frederico.. com raros postscritos de Maria. Estas cartas não tratam pròpriamente do noivado, e sim de várias compras e favores que Chopin ficou de fazer para madame Wodzinska, — adquirir um piano, procurar Antônio, irmão de Maria que se alistou na Legião da Espanha. Finalmente, Chopin compreende que deve desistir. Ao receber o postscrito de Maria: "Adeus, lembre-se sempre de nós", amarrou com uma fita côr de rosa o maço de cartas dos Wodzinski — e aquela rosa recebida de Maria, escrevendo sôbre a capa "minha mágoa".

Um capítulo de sua vida está encerrado. Mas é necessário viver, dominar as impressões e o sofrimento, esquecer... Esquecer o quê? a recusa, a afronta? — Com certeza não foi por questões de nascimento que os Wodzinski desaprovaram o casamento da filha com Chopin. Chopin descendia, é verdade, de uma família burguesa, mas foi admitido nas altas rodas, era artista de fama européia.

Sua saúde despertava, porém, sérias apreensões. Dona Teresa não soube encontrar um pretexto par desfazer o noivado. E Maria? — como reage ela ao problema do seu próprio casamento? Não denota nem amor, nem vontade. É apenas uma filha obediente. Nem sequer escreve a Chopin, acrescentando apenas às cartas da mãe algumas palavras banais... de simpatia. E assim talvez fôsse melhor que a "mágoa" de Chopin se tivesse originado em ilusões perdidas, e não na infelicidade... de vida de casado.

Com certeza o episódio com Maria Wodzinska já terminara durante o ano de 1837. No mesmo ano, é publicada uma nova série de grandes Estudos de Chopin (op. 25), a sua obra mais importante daquela época. Talvez possamos explicar em relação à miragem frustrada do matrimônio, a curta estada de Chopin em Londres, — uma escapada sem objetivo, como se fôsse ùnicamente para "arejar as impressões". Foi para lá durante o verão, em companhia de seu amigo Camilo Pleyel. Em Londres, encontrou amigos poloneses: Júlio Fontana, Estanislau Kozmin. Êste escreve à família: "Há duas semanas Chopin está aqui, incógnito; não conhece ninguém, não quer se encontrar com ninguém, a não ser comigo. Passo com êle dias inteiros, e até noites como a última. Está aqui com o Pleyel, famoso pelos seus pianos... Vieram "pour se regaler" de Londres". Moram num dos melhores hotéis, têm uma carruagem a seu serviço, e procuram por todos os meios gastar dinheiro. Um dia vamos a Windsor, um outro a Blackwell, um terceiro a Richmond..."

Nessa mesma época, mais ou menos, o conde Pozzo di Borgo, embaixador do Czar em Paris, decidiu conceder a Chopin o título de pianista da côrte do Czar Nicolau. Esta proposta de ouro, que abria caminho para tocar na côrte de São Petersburgo, e prometia remunerações régias, condecorações — Chopin a recusou. Pelo que conta seu sobrinho, Antônio Jedrzejewicz, teria êle dito ao embaixador:

"Apesar de eu não ter tomado parte no levante de 1831 por ser então jovem de mais, meus sentimentos estavam com aquêles que lutavam. Por isso considero-me um emigrado e êste título não me permite aceitar um outro..." Essa declaração de Chopin, incomparável gesto de orgulho, naturalmente cortou-lhe a possibilidade de voltar à Pátria.

Das experiências dêste ano decisivo (1837) Chopin se sai digna e nobremente.

Liszt brilha na execução das obras de Chopin e, principalmente, nos Estudos. Ludwig Rellstab, crítico berlinense, que ainda há dois anos zombava dos primeiros Estudos, começa a compreender seu grande êrro e, dentro de poucos anos, viajará a Paris a fim de homenagear Chopin de viva voz. Cresce a sua fama de compositor que, ano após ano, publica vários cadernos de suas magníficas músicas, encontra suas formas de expressões — polonaises", "mazurcas", "baladas", "scherzi", e "valsas".

E' ainda mais "disputado" pela alta sociedade parisiense. Apesar disso trabalha ininterruptamente. A sua saúde é precária, os invernos fazem-no sofrer. O tempo estival lhe é mais propício. O apartamento de Chopin solteiro é um modêlo de arranjo que chega a ser pedante, tudo aí deve ostentar "uma elegância discreta" — mobília, cortinas, tapetes, têm que ser arejados e restaurados continuamente.

Depois do rompimento com Maria Wodzinska, fala-se em novos planos matrimoniais de Chopin, acerca dos quais quase nada sabemos. Ignoramos também quando e, em que circunstâncias, êle se aproximou dessa mulher excepcional que devia ocupar o lugar primordial em sua vida e que era Aurora Dudevant, já conhecida no mundo literário francês sob o pseudônimo de George Sand. Certo dia Chopin recebe um bilhete com os dizeres "On vous adore — *George*" e coloca-o no álbum trazido de Varsóvia...

CAPÍTULO IV

OS ÚLTIMOS ANOS

A baronesa Aurora Dudevant publicava romances sob o pseudônimo masculino George Sand. Jovem e bonita, aparecia às vêzes em indumentária masculina, fumando grossos charutos, e horrorizando os pacatos cidadãos. Essa mulher conjugava estranhamente hábitos de artista livre com qualidades burguesas. A vida tôda, ela trabalhou incansàvelmente escrevendo, durante noites inteiras, seus romances. Separada do marido, educou com carinho os dois filhos. Parcimoniosa, sem ser avarenta, era prestimosa e desinteressada. Apesar de fazer bom dinheiro com seus livros, vivia modestamente. Todo o mundo estava a par de suas decepções amorosas. O clero e os aristocratas monárquicos indignavam-se com sua produção literária. Vigorava a opinião de que seu democratismo e liberdade de vistas agia perniciosamente sôbre os costumes... Em matéria matrimonial, a vida ensinou-lhe a amargura, mas também indulgência para aquêles que desobedecem às conveniências do casamento. Afirmava-se pois, que a autora propagava escândalo, aconselhando o amor livre.

E, entretanto, George Sand sentia sinceramente a necessidade de cuidar, como uma mãe, dos artistas. Conside-

ravam-na excêntrica, mas seu lar difundia calor familiar. A escritora tinha disposições democráticas, mas sabia também se apresentar como uma dama das mais altas rodas. Graças ao seu labor, e ao talento de que era dotada, soube conquistar uma posição de destaque nos meios literários de Paris. E, no verão, era uma dona de casa encantadora na sua propreidade de Nohant, onde recebia sumidades do mundo artístico e da alta sociedade. "Tem forças inesgotáveis e um vigor todo masculino" — escrevia, em 1838, o velho Niemcewicz (1) — "pequena, bem torneada, cheia de corpo, com olhos negros muito grandes, falando pouco, mas sempre bem. Possui um raro talento de escritora... sua vida é dissoluta, infelizmente! Condescende não obstante a acreditar em Deus, na imortalidade da alma e numa vida melhor no além... Original em tudo, mesmo na vestimenta; exibiu-se em albornoz árabe... branco, com capuz e calças da mesma côr".

No mesmo ano, Honoré de Balzac visitou George Sand, em Nohant, e a êsse respeito, escreve a Eva Hanska, sua amiga polonesa e futura espôsa: "Encontrei o camarada Sand em "peignoir", fumando um grosso charuto depois do almoço perto da lareira no salão imenso. Usava belíssimos chinelos amarelos com franjas, meias sedutoras e calças vermelhas... não tem um fio branco sequer no cabelo, malgrado saus tremendas infelicidades... seus belíssimos olhos brilham como dantes... e dêles vem tôda a sua expressão. Está em Nohant, há um ano já, muito triste, trabalhando sempre... Deita-se às seis da manhã e levanta-se ao meio dia. Durante três dias palestramos das cinco da tarde às cinco da madrugada e dêsse modo pude conhecê-la melhor... do que nos quatro anos anteriores... quando amava Jules Sandeau e estava ligada com Musset... Conversamos como colegas. Abordamos o grande tema do casamento e da liberdade... Excelente mãe, é adorada por seus filhos, mas veste a Solange de rapaz, o

que não é bom. E' pura, virtuosa e tem apenas aparências de artista. Afinal de contas ela é um homem, tanto mais que o deseja ser; abandonou o papel feminino e não é mais mulher..."

Nesse mesmo ano de 1838, Aurora, com 34 anos, e Frederico, com 28, aproximaram-se e teve início um romance. Alguns achavam isso estranho da parte de Chopin. Ao que parece êle próprio hesitou de comêço, chegando mesmo a sentir repulsa por essa personagem *sui-generis*, que alarmava a opinião dos salões. E, através dos tempos certa formalidade rígida nunca deixou de pairar sôbre essa amizade.

Chopin, por exemplo, em cartas à família, e amigos, não faz menção do nome de batismo dela e sim chama-a P.S. (Pani Sand — Senhora Sand) e em geral evita referir-se a ela. Assim, de Nohant, escreve sôbre a "dona da casa", chama-a de "minha castelã". Nas poucas cartas que chegaram a nós dirigidas por Chopin a George Sand, êle mostra-se sempre correto, sem qualquer familiaridade. Não lhe dedicou nenhuma das suas composições, não querendo tornar pública sua vida íntima. O mesmo aconteceu em relação a Constância Gladkowska e Maria Wodzinska.

Dentro de pouco tempo, o romance se transformara em amizade. Em Paris foram vizinhos durante anos a fio, Chopin veraneou na casa de campo de Nohant sete vêzes seguidas (1839-46); a maioria de suas obras daquele período foram compostas lá, onde encontrou: camaradagem artística e calor familiar, em meio à ordem e ao trabalho, numa atmosfera altamente intelectual. O início romântico da ligação manifestou-se na viagem que fêz à Majorca em companhia de George Sand e seus filhos. A saúde de Chopin já despertava então graves receios e os médicos aconselharam-no a passar o inverno de 1838-39 no clima ameno daquela ilha espanhola. Diziam-se mil maravilhas sôbre o encanto de Majorca. Partiram de Paris nos fins do

outono, seguindo para Perpignan e Barcelona e de lá para Palma, capital da Ilha. Depois de terem passado alí alguns dias numa hospedaria ordinária, mudaram-se para uma vila nos arrabaldes da cidade; entretanto, a vida nessa nova moradia ofereceu uma verdadeira sucessão de tormentos. Chopin caiu doente, tossindo assustadoramente, com algumas hemoptises. Saíram pois da cidade, fixando residência a três milhas de Palma na cartuxa de Valdemosa, que se achava abandonada.

"E' o lugar mais belo do mundo" — escrevia Chopin — "mar, montanhas, palmeiras, cemitério, igreja dos Templários, ruínas de mesquitas, e oliveiras milenares". Mas, apenas chegados, tiveram que enfrentar as chuvas e o frio úmido. Nas celas do mosteiro, não havia lareira, Chopin adoeceu outra vez. Além disso, o govêrno da casa trazia a Madame Sand grandes dificuldades e fadigas. Os naturais tratavam com desconfiança e má vontade essa família exótica. Educados por monges e padres, propensos ao fanatismo e à ingnorância, os majorcanos notaram logo que os viajantes de Paris não freqüentavam a igreja nem tomavam parte nas festas locais; indignavam-se à vista de Solange trajando calças de homem, exigindo por isso preços elevadíssimos pelos víveres.

Em meio a essas insuperáveis dificuldades domésticas, George Sand encontrava ainda tempo para ensinar os filhos e cuidar do amigo doente, que a febre não abandonava e que se queixava constantemente de dores no peito. O mosteiro parecia a Chopin um lugar repleto de fantasmas e espectros; o grito da águia esfomeada, pairando sôbre o despenhadeiro, o uivo do vento, o cair da neve nas muralhas do mosteiro enchiam-no de tristeza e pavor. Teve que esperar longo tempo pelo piano, que lhe mandaram de Paris e que empeçou numa alfândega qualquer. Quando por fim chegou, foi necessário pagar direitos aduaneiros exorbitantes.

Apesar disso, nos meados de janeiro de 1839 Chopin já tinha acabado os Prelúdios; "mando-te os Prelúdios" — escreveu ao amigo Julio Fontana, que se achava em Paris —; "dentro de poucas semanas receberás a Balada, as Polonaises e o Scherzo". Sentindo-se por uns tempos melhor, começou a trabalhar intensamente em composições, que, em sua maioria, já tinham sido esboçadas antes da sua ida a Majorca e necessitavam apenas o retoque final. Ignoramos quais os Prelúdios que aí nasceram.

Com a chegada da primavera, Valdemosa tornava-se dia a dia mais bela, porém Chopin já estava cansado daquela estada e se dispunha a voltar a Paris, mesmo só. Evidentemente não era possível largá-lo sem assistência. Quanto a Madame Sand, deixava de má vontade a ilha. Durante a viagem de volta Chopin teve uma recaída, e desta vez, grave. Afinal, não desejando nada de bom aos espanhóis, conseguiram embarcar em Barcelona num navio francês, que rumou para Marselha e Gênova, de onde seguiram para Nohant — o doente acusava melhoras.

Em Valdemosa, Chopin e Madame Sand tinham logo caído em esquecimento. Êsse lugar estranho, com tão poética paisagem, com sua arquitetura e a vegetação já quase africana — palmeiras, siprestes, aloés, laranjeiras — permaneceu tal como Chopin o descreveu: "Tudo aqui respira poesia, o colorido dêsses lugares mais encantados que não esmaeceu ainda sob as vistas humanas. Poucos foram os que afugentaram aquelas águias, que voam diàriamente sôbre nossas cabeças". Mas os Majorcanos souberam afugentar Chopin e esqueceram-no. Hoje, não obstante, o mosteiro de Valdemosa abriga nada menos de dois museus chopinianos, dois proprietários de celas tiveram longa disputa sôbre qual delas fora habitada por Chopin... Os habitantes de Majorca rivalizam uns com os outros no culto dêsse grande artista. Foram até promovidos na ilha fes-

tejos musicais em honra a êle. Expiação tardia, que parece um tanto forrada de propaganda... turística!

E assim, por êsse caminho circular, Chopin veio parar no sítio que seria seu veraneio durante os sete anos seguintes — a casa de campo de Nohant. Aproveita já a primeira estada para trabalhar e compor obras de maior importância, entre elas a sonata com a célebre marcha fúnebre. "Não fui feito para o campo, aqui porém respiro um ar puro...", escreve certa vez de Nohant. E portanto êsse era o lugar onde melhor trabalhava nas suas composições porque "pelo inverno não podia compor".

Madame Sand de boa vontade ficaria em Nohant para o ano todo, Chopin se recusava entretanto a passar a temporada de inverno no campo. Em 1839 escreve ao seu amigo Fontana, pedindo que êste lhe procure em Paris um novo apartamento, dando indicações exatas sôbre a maneira de colocar os móveis, encarregando-o de vários negócios com os editôres, transmitindo recados para o alfaiate e o chapeleiro. Como nos parecem prosaicas as cartas dêle, — autor de poemas musicais, que mantém diálogos estranhos com o silêncio da noite. Mas em suas cartas êle não nos dá a chave de sua vida espiritual, a timidez de artista proíbe-o. E' a feição exterior; ei-la: muito atarefado, ocupadíssimo com lições e, à noite, homem de sociedade, mundano irrepreensível.

Sempre teve pendor por gente distinta, e por maneiras requintadas. Não foi por esnobismo, que êle freqüentou as rodas de aristocratas, legitimistas e monarquistas, gente com títulos, pois êle mesmo crescera no meio dêstes, no qual, do mesmo modo que para o pai, professor, recrutava a sua "clientela". Divertiam-no os ridículos do mundo elegante, que freqüentava como igual entre iguais, não tendo portanto que se "pendurar na maçaneta das portas fidalgas". A vida já se mostrara madrasta com êle e, mais de uma vez, êle olhara de frente a morte; o ardor e a despre-

ocupação do adolescente já se foram, mas o humor ficou. Nas horas de solidão, assaltam-no, entretanto, pensamentos sombrios, por isso sempre necessita cercar-se de companhia, mas sòmente de gente escolhida. Porque a suscetibilidade de Chopin constitui o reverso de sua sutileza e chega a ser desagradável até para as pessoas mais íntimas.

Não foi nada fácil com certeza a Madame Sand viver em intimidade com o homem, que — segundo ela escreveu mais tarde — era "encantador. alegre, simpático em sociedade, levando, porém, às vêzes, ao desespêro as pessoas que conviviam estreitamente com êle". Chegava a impacientar-se consigo mesmo, censurando-se por perambular pelos cantos, por rasgar mais, compondo, do que escrever... admirando irônicamene gente que se dava fàcilmente por satisfeita, como Czerny, "que de novo escreveu tanta música e ei-lo contente" ou Nowakowski (colega do Conservatório de Varsóvia) cujas composições estavam sendo editadas em Paris.

Chopin não se satisfaz tão fàcilmente com o que escreve, sente sempre uma grande responsabilidade artística. Antes de lançar uma de suas obras, é preciso que esta seja madura e consumada nos mínimos detalhes. E eis que essas nos surpreendem pela ousadia de concepção e, ao mesmo tempo, pelo cuidado da forma, vôos celestiais, realizados com a elegância mundano-terrestre...

Nas cartas, que escreve à família em Varsóvia — cartas estas simples, naturais, afetuosas — não fala de suas visões criadoras e sim, quando muito, em que está trabalhando, das composições que acaba de concluir ou que estão sendo editadas. Mas sente-se sempre nelas a saudade de Frederico pelos seus. Procura distraí-los, contando-lhes as pequenas novidades de Paris, graceja e brinca, para que a família, sempre inquieta, se tranqüilize a respeito de sua saúde. Narra os pequenos fatos da vida cotidiana, porque suas grandes experiências... de fato já acabaram. Passou

o tempo de luta por uma posição no mundo da música, agora a fama de Chopin sòmente faz espalhar-se e cresce seu prestígio. Não obstante ampla, a divulgação de suas obras far-se-á tardiamente, vários anos após a sua morte, para, entretanto, nunca conhecer decaídas e nunca envelhecer. A música de Chopin é hoje tão fresca, quanto o era ao sair de sob a sua pena. Êle próprio não acredita, talvez, que poucos anos de vida lhe restam, mas a doença agrava-se. Êle deve manifestar-se, enquanto lhe sobram fôrças, e a vida tem ainda grandes encantos.

Quanta alegria não lhe proporciona a visita de sua Irmã Ludovica e do marido desta Kalasanty Jedrzejewicz, em Nohant! Frederico vai ao seu encontro em Paris com o coração batendo, como daquela vez, quando se encontrou com os pais, em Karlsbad. O velhinho Nicolau Chopin morreu em 1844 em Varsóvia, mas a "mamãezita" está bem disposta e sobreviverá 11 anos ao filho.

Madame Sand é encantadora e afetuosa para com os Jedrzejewicz. Os hóspedes gozam em Nohant de muita liberdade, promovem caçadas, vão pescar, fazem passeios de carruagem; à noite, todos se reúnem no jantar e, em seguida, jogam bilhar ou entregam-se a algum outro passatempo; o teatro de fantoches tem sido durante anos o divertimento predileto dos filhos de Madame Sand. Mas agora as crianças já estão crescidos, Solange é uma moça engraçada, caprichosa e de grandes encantos; é a única a conservar o afeto de Chopin. Questões de família causaram sérios desentendimentos entre Chopin e Madame Sand; Maurício, o filho desta, acabou colocando-a ante a alternativa: ou êle, ou Chopin. A mãe não soube amenizar o conflito, pareceu-lhe que sua única conduta devia ser a de dar primazia ao filho. Casara a filha com o escultor Clésinger, embora Chopin — com bastante razão — discordasse dessa união. Deram mesmo a entender a Chopin que se metia em negócios alheios. Tendo bem vivas na memória as "cenas e batalhas" que se desenrolarem na casa da amiga, Chopin voltou para Paris mais cedo do que de costume. A separação de Madame Sand deu-se sem uma palavra de despedida; durante algum tempo continuaram ainda a se escrever, em tom amistoso. Viram-se mesmo uma vez em Paris e trocaram algumas palavras. Mas veio o verão de 1847 e Chopin não voltou mais a Nohant.

Apesar dêsse rompimento, as relações de amizade entre Chopin e o casal Clésinger continuaram; avolumava-se apenas sua indisposição para com Madame Sand, fomentada, em parte, pela animosidade que votavam a "essa revolucionária atéia" as damas polonesas da sociedade. E, entretanto, nenhuma dessas damas soube dar a Chopin o calor familiar e os cuidados de que sua saúde abalada necessitava, nem espalhar em redor dêle uma atmosfera artística. Quando, nos últimos meses de sua vida, Chopin não pode mais trabalhar, quem pensa em socorrê-lo financeiramente, são suas amigas... escocesas.

Separaram-se portanto, após oito anos de amizade. Sem uma palavra de despedida, sem recriminações. Mas o fluxo das recordações traz a Chopin certos rancôres. No Natal de 1847, escreve à irmã Ludovica: "Que estranha criatura (Madame Sand), apesar de tôda sua inteligência! Um feitiço se apoderou dela e ei-la a atrapalhar sua vida, a atrapalhar a vida da filha; com o filho tudo acabará mal ainda, vo-lo ligo e subscrevo... Não sinto de tê-la ajudado a passar os oito anos mais delicados de sua vida, quando a filha crescia e o filho se educava junto à mãe; não sinto de ter passado por tudo aquilo que passei, mas lastimo que a filha, essa planta bem cuidada, e salva de tantas ventanias, tivesse sido quebrada pela mão materna por causa de falta de juízo e leviandade, que a rigor é admissível numa mulher de vinte anos, mas não numa de quarenta... Madame Sand pode ter apenas boas recordações de minha pessoa, ao recapitular alguma vez sua vida.

Entretanto está entregue ao paroxismo de afeição materna, desempenhando êsse papel de uma mãe melhor e mais justa do que é na realidade; e isto é uma febre, contra a qual não há remédio algum, tratando-se de cabeças com tanta imaginação, que se emaranharam em terreno tão escorregadio. Aliás os próprios bichos têm caprichos"...

Aquilo que Chopin tacha de caprichos resultou na realidade não do temperamento de Madame Sand, mas, em grande parte de um conjunto de circunstâncias bastante complicado. Chopin não estava disposto a continuar a ligação, e certamente não pensava bem da amiga, quando mais tarde escreveu a seu respeito, a um amigo da Inglaterra: "Nunca amaldiçoei ninguém, mas sinto-me tão mal, a ponto de me parecer que amaldiçoar Lucrécia (Mme. Sand) me seria de grande alívio... Mas lá, também devem estar sofrendo, e sofrendo tanto mais que estão decerto envelhecendo em cólera. Tenho sempre pena de Sole (Solange)". Sem dúvida, Madame Sand procedia nas questões de família de um modo que parecia a Chopin desajuizado e inconveniente. Talvez ela própria estivesse inclinada a pensar assim depois de algum tempo, porque mais de uma vez tentou reconciliar-se com Chopin, mas êle, visìvelmente, não queria essa aproximação.

A separação com a dedicada amiga teve como resultado que Chopin compunha cada vez menos e sentia-se de mal a pior. Previa-se uma revolução em Paris para o ano de 1848, e êste foi um dos motivos que determinou sua viagem para a Inglaterra. Sua sincera amiga Jane Stirling (2) convenceu-o disso. Em abril de 1848, Chopin chega a Londres, onde é recebido em tôda parte com as honras devidas à sua celebridade. Está morando num bairro elegante. Três pianos foram colocados no seu apartamento. "Uma multidão incalculável de visitas" ocupa-lhe o tempo todo e "os dias passam como clarões". Chopin recebe a proposta de tocar na Filarmônica de Londres, mas prefere

começar "pelo cume", tocando primeiro perante a Rainha e apresentando-se em seguida numa matinée em casa particular, diante dum círculo limitado de pessoas.

No teatro londrino, Chopin tem a oportunidade de ouvir as famosas cantoras Jenny Lind e Pauline Viardot; numa das representações estava presente a Rainha; sob o camarote real colocou-se "o velho Wellington, vencedor de Napoleão, que se sentou como velho cachorro monárquico aos pés de sua patroa coroada".

Nos princípios de junho Chopin escreve de Londres ao amigo Grzymala: "O tempo aqui está mau há uma semana, o que não é nada bom para minha saúde; além disso é preciso comparecer nas altas rodas noite após noite. Faltam-me fôrças para esta vida... Dou algumas lições em casa a um guinéu cada, e não tenho ainda a menor idéia acêrca de um novo concerto. Em casa da princesa Sutherland, toquei perante a Rainha e Albert (o príncipe consorte), Wellington e o mundo elegante. Tudo correu muito bem ao que parece... Se pudesse andar ainda o dia todo, de Herodes a Pilatos, não cuspisse sangue há já alguns dias, fôsse mais jovem e não estivesse abalado, como estou, sentimentalmente, talvez pudesse refazer a vida... As minhas boas senhoras escocesas (Sra. Stirling e sua irmã Sra. Erskine) dão provas de grande amizade... Mas elas estão acostumadas a vadiar percorrendo Londres de carruagem durante o dia inteiro, munidas de cartões de visita. Gostariam que eu visitasse todos seus conhecidos, mas já estou quase morto...

Jantei em casa de Lady Kinlogh, em grande comitiva de lordes, chanceleres e não sei a que diabos da fidalguia fui apresentado... 20 anos na Polônia, 17 em Paris, como estranhar que me sinta triste, ainda mais por não conhecer a língua..."

As boas escocesas "amolam-me muito, querem absolutamente que vá visitar a família delas na Escócia". Seja

como fôr, após doze horas de trem, Chopin pára em Edimburgo, e de lá, após um descanso e uma rápida visita à "belíssima cidade", segue para o castelo "Calder House", residência do velho lord Torphichen, cunhado das amigas escocesas. "Velha mansão — escreve na carta para Varsóvia — cercada de um enorme parque com árvores centenárias; só se vêem gramados, árvores, montanhas e o o céu. Os muros são espessos de oito pés, há galerias em todos os sentidos e corredores sombrios, com um não acabar de retratos familiares de antepassados, de diversas côres, com diversas indumentárias, trajes escoceses ou armaduras... Sinto-me sossegado, tranqüilo e bem... O Lorde convidou-me a passar todo o verão próximo; quanto a mim, de bom grado passaria aqui a vida tôda, mas que adianta isso? Estou afastado dos outros... Durante os serões, toco para o velho lorde canções escocesas, que êle, bonacheirão, cantarola, exteriorizando-me seus sentimentos como pode, em francês..."

Chopin demora-se ainda em outros castelos escoceses, nos intervalos de seus concertos feitos nas grandes cidades — Manchester, Glasgow, Edimburgo. Todos testemunham-lhe a maior consideração, mas êle escreve que "mal está respirando", que o criado Daniel deve carregá-lo nas escadas, que as boas escocesas "acabarão por asfixiá-lo — com tanta gentileza e êle não lhes poderá recusar isso por gentileza".

Quando seu velho amigo Fontana chega a Londres, depois de alguns anos de América, Chopin "de bom grado iria amanhã a Londres para abraçá-lo, se estivesse melhor de saúde", escreve com mescla de ironia e tristeza:

"Somos velhos tambores nos quais o tempo e as circunstâncias martelaram seus ritmos agourentos... Eu mal posso respirar... E tu estás ficando careca sem dúvida, e deixar-te-ão ainda ficar ante a minha sepultura, como êsses salgueiros — lembras-te? — que mostram a

cabeça salva. Não sei porque o falecido Jasio (Matuszynski) e Antek (Wodzinski) vieram-me agora ao pensamento e Witwicki e Sobanski! Aquêles com os quais convivi em mais estreita harmonia também morreram: Ennike, o nosso melhor afinador também se foi, e meu piano não está, portanto, bem afinado. Moos morreu e ninguém sabe fazer calçados tão confortáveis... se mais quatro ou cinco se forem para o portão de São Pedro, a vida me será mais cômoda "ad patres"... Devaneio com o meu lar, com Roma, com felicidade, com miséria... O que me ficou é o nariz grande o quarto dedo pouco ágil..."

Neste melancólico e espirituoso relance da vida, que já agora está lhe escapando, não há nenhum sentimento de sua própria grandeza, nem orgulho pelos feitos, há apenas o escrúpulo... do virtuose, que se apresentará perante o Juízo Supremo com... o quarto dedo pouco ágil!

Pensa no lar, na mãe, nas irmãs: "Que Deus lhes permita conservar esperanças! Entretanto, que aconteceu com minha arte? onde desperdicei meu coração? Mal me posso lembrar ainda, como cantam na pátria. O mundo me escapa, caio em esquecimento, faltam-me fôrças, se me reergo um pouco é para descer ainda mais baixo... Tenho o espírito tranqüilo, estou resignado..."

Aproxima-se, afinal, o dia tão desejado, da partida da Inglaterra, da "desgraçada Londres" onde o clima o prejudica, onde a gente, apesar de tão prestimosa, é "tão diferente dos franceses", aos quais êle se acostumou. Os inglêses parecem gostar de música, e, não obstante "tocam aqui tipos esquisitos... parece-me que a cada ser falta um parafuso... Tôdas elas (as inglêsas) olham as mãos (do pianista) e tocam com muito sentimento notas falsas... "O país das tradições acaba irritando Chopin e êle não se sente mais com fôrças para se acostumar a isso. Com impaciência prepara-se para o retôrno a Paris. Em carta a

um amigo, pede que se faça fogo na lareira, que se esquente e tire a poeira do apartamento em Paris. Está sempre a sentir frio. A 23 de novembro, deixa Londres. Uma semana antes tocou num baile polonês de caridade — em meio ao barulho e inquietação da festa... Esta foi a última aparição em público de Chopin...

Em Paris, no Quai d'Orléans, o doente recebe visitas das "boas escocesas", do amigo Augusto Franchomme, violoncelista, que em ausência de Fontana desempenha o cargo de secretário gracioso — da princesa Marcelina Czartoryska, da Senhora Kalergis, de Delfina Potocka, do fiel Grzymala, de seu aluno Gutman, de Bohdan Zaleski, do pintor Eugene Delacroix e das cantoras Jenny Lind e Angelica Catalani. Também os médicos visitam-no amiúde. Chopin passa alguns meses de 1849 no apartamento da rua Chaillot. Alí, sentindo aproximar-se o desenlace, deseja ter à sua cabeceira algum membro de sua família. Escreve pois para Varsóvia, convidando a irmã Ludovica com o marido e mesmo com os dois sobrinhos: "... passareis aqui alguns meses, respirando o ar puro, em companhia do velho irmão e tio... Eu mesmo não sei, porque desejo tanto, que Ludovica venha, mas é para reavivar minhas esperanças... quem sabe, talvez a acompanhe de volta quando melhorar. Como haveríamos de nos alegrar todos juntos então... Meu capricho é vê-los aqui hoje. Talvez Deus permita, que tudo corra bem — e se Deus não consentir nisso, fazei ao menos de conta que Deus o permitiu. Espero que a minha carta para o aniversário de mamãezita tenha chegado a tempo, levando a minha presença. Nem quero pensar em tudo isso, porque chega a me dar febre..."

Em agôsto, Ludovica chega a Paris, para não mais se separar do irmão, até a morte dêste. Norwid (3) visitou naquela época Chopin e a respeito escreveu: "Entrei no quarto ao lado do salão, ocupado por Chopin... encontrei-o vestido, mas recostado na cama... A irmã do artista estava sentada junto a êle, tem o mesmo perfil. Na sombra profunda dos cortinados, apoiado em traveseisros e envolto num chale, êle parecia muito belo... tendo em si algo de consumado. Tôdas às vêzes que me encontrei com Chopin notei nêle essa perfeição apoteótica de atitudes... Com a palvra cortada pela tosse e engasgos, começou por me repreender de não o ter visitado tanto tempo — depois pôs-se a gracejar e perseguir-me inocentemente por causa de minha orientação mística, não protestei, vendo que isso lhe causava prazer — em seguida falei com a sua irmã — depois houve intervalos de tosse — e finalmente, chegou o momento de deixá-lo sossegado, e, portanto, despedi-me dêle. Estreitou-me a mão, afastou os cabelos da fronte e disse: "Vou-me embora... deste apartamento para a Place Vendôme".

Passou apenas algumas semanas em seu último apartamento parisiense, na Place Vendôme. Dia e noite os amigos mais íntimos revezam-se à sua cabeceira: a senhora Kalergis canta para êle uma ária italiana, o pintor Teófilo Kwiatkowski executa um desenho, representando os últimos dias do compositor, o padre Jelowicki administra-lhe os últimos Sacramentos. Madame Sand inquire se pode visitar o doente, mas a solicitação não chega até Chopin. Num pedaço de papel êle escreve com letra trêmula: "Quando a tosse me asfixiar conjuro-vos, que mandeis abrir o meu corpo, a fim de que não seja enterrado vivo". A 17 de outubro de 1849, Chopin morre. A máscara mortuária é tirada por Clésinger, Kwiatkowski desenha o perfil do morto.

As exéquias tiveram lugar sòmente 13 dias depois. Durante aquêle tempo o corpo de Chopin foi depositado na Igreja Santa Madalena. Na missa fúnebre foi tocado e cantado o Requiem de Mozart, de acôrdo com um desejo de Chopin. O cortejo magnífico seguiu para o cemitério

Père Lachaise e milhares de pessoas acompanharam Chopin em sua última apresentação. Um punhado de terra polonesa, que os compatriotas lhe tinham oferecido numa taça argêntea, quando partira de Varsóvia para sempre, foi despejado sôbre o caixão. Seu coração foi levado pela irmã Ludovica para a Polônia e colocado num pilar da Igreja Santa Cruz, na Capital. Tem sido uma recordação cara aos varsovianos, e, após a recente peregrinação durante a guerra, de novo voltou para alí, como um símbolo: o coração de Chopin no coração da Polônia.

NOTAS EXPLICATIVAS

CAPÍTULO I

1. "Rei Alma", alusão a um famoso poema do romântico polonês Juliusz Slowacki, que tem por título "Rei Alma".

2. Kilinski, sapateiro de profissão, foi o herói do Levante popular de Varsóvia de 1794, dirigido contra as tropas do Czar e suscitado pela malograda Insurreição do povo polonês contra as potências que promoveram a partilha do país. A Insurreição, chefiada por Kosciuszko — o famoso batalhador pela liberdade dos Estados Unidos — teve um largo apoio por parte dos camponeses e do proletariado nascente de Varsóvia, classe a que pertencia Kilinski.

3. O Congresso de Viena em 1815, colocou grande parte da Polônia, inclusive Varsóvia, sob a tutela do Czar, que passou a acumular as coroas da Rússia e do "Reino Polonês", sancionando-se assim a partilha do país, que, nos fins do século XVIII, foi realizada de concêrto pela Rússia, Monarquia dos Habsburgos e Prússia. A Polônia sòmente recobrou a independência em virtude da revolução bolchevique de 1917 e da vitória aliada na primeira guerra mundial.

4, 5, 6, 7. Intelectuais poloneses de destaque, contemporâneos de Chopin.

8. Quantia bastante avultada para aquela época.

9. Compositor italiano muito em voga na época, autor de 43 óperas.

10. "Mazur" é o nome de uma dança popular polonesa, que Chopin imortalizou em suas "Mazurcas".

CAPÍTULO II

1. O autor alude à Constituição dualista de 1866, que deu certa autonomia à Hungria.

2. Em novembro de 1830 os patriotas poloneses empunharam as armas para lutar pela independência do país. Depois de uma luta cruel, que se prolongou por vários meses, o Levante foi vencido. Para Chopin — ardente patriota — o fato de não ter podido participar diretamente do Levante e, sobretudo a derrota dêste — constituíram um verdadeiro drama.

3. Adam Mickiewicz (1798-1855) — o maior vulto do romantismo polonês, personagem dos mais representativos da literatura mundial do século XIX — companheiro de Michelet e Quinet no *Collège de France* e batalhador incansável pela idéia da fraternidade universal dos povos.

4. Juliusz Slowacki (1809-1849) — um dos mais famosos poetas românticos poloneses. A Polônia celebra êste ano o seu centenário de morte, conjuntamente com o de Chopin.

5. Zygmun Krasinski (1812-1859) — Com os dois poetas anteriormente citados, Krasinski forma o grande trio da poesia romântica polonesa. Dado o caráter eminentemente nacional da obra dêsses poetas, e, sobretudo, devido a acentos proféticos a respeito da independência do país, que freqüentemente pontilham nos seus poemas, a crítica literária polonesa costuma denominar de vates a êsses verdadeiros condutores da nação.

6. Um parque famoso de Viena.

7. João III Sobieski, rei da Polônia, venceu os turcos e libertou Viena assediada por Kara-Mustafá em 1683.

8. Alexandre Fredro (1793-1876) — comediógrafo polonês, conhecido ocmo o "Molière da Polônia".

9. Krajcar — moeda de trôco da época.

10. "Antepassados" — a obra poética mais famosa de Mickiewicz, que trata da independência nacional.

CAPÍTULO III

1. Depois do fracasso do Levante de 1830-1831, Paris tornou-se o centro da vida política polonesa; ali se domiciliaram os principais chefes do Levante, intelectuais de destaque, poetas, músicos, etc. Muitos dêstes emigrados tomaram parte ativa na revolução francesa de 1848.

2. Karol Szymanowski (1882-1937) — o maior compositor polonês do século XX, verdadeiro herdeiro espiritual de Chopin, que se bateu por um estilo musical polonês. Sua obra é das mais importantes no conjunto da música moderna.

3. Jôgo de palavras, uma vez que nos idiomas francês e polonês a palavra "estudo" é de gênero feminino.

4. "Alvorada" — uma das obras-primas de Krasinski.

5. Em francês no texto.

CAPÍTULO IV

1. Julian Ursyn Niemcewicz (1758-1841) — escritor e patriota polonês.

2. Jane Stirling — aluna de Chopin e mais tarde sua dedicada protetora.

3. Cyprian Norwid — grande poeta polonês, contemporâneo e amigo de Chopin. O seu poema "O piano de Chopin" é justamente famoso e foi vertido para o idioma português.

APÊNDICE

RELAÇÃO DAS OBRAS DE CHOPIN PUBLICADAS DURANTE A SUA VIDA

Ano de Edição	*Título da obra*	*Opus*	*Dedicada a*	*Época de Composição*
1817	Polonaise em Si bemol maior	—	Condessa Vitoria Skarbek	1817
1825	Rondó em Dó menor	1	Sra. Bogumil Linde	1815
1828	Rondeau à la Mazur (Fá maior) ...	5	Condessa Al. de Moriolles	1826
1830	Variações sôbre um tema de Mozart (Là ci darem la mano) para piano e orquestra (Si bemol maior)	2	Tito Woyciechowski ...	1827/28
1832	4 Mazurcas (Fá sustenido menor, Dó sustenido maior, Mi maior, Mi bemol menor)	6	Condessa P. Plater	1830
1832	5 Mazurcas (Si bemol maior, Lá menor, Fá menor, Lá bemol maior, Dó maior)	7	Sr. Johns	—
1833	Introdução e Polonaise para piano e violoncelo (Dó maior)	3	José Merck	1829
1833	Trio para piano, violino e violoncelo (Sol menor)	8	Príncipe A. Radziwill ..	1828
1833	3 Noturnos (Si bemol menor, Mi bemol maior, Si maior)	9	Sra. Camille Pleyel	—
1833	12 Estudos (Dó menor, Lá menor, Mi maior, Dó sustenido menor, Sol bemol maior, Mi bemol menor, Dó maior, Fá maior, Fá menor, Lá bemol maior, Mi bemol maior, Dó menor)	10	Franz Liszt	1828/33
1833	Concêrto para piano e orquestra (Mi menor)	11	Frederico Kalkbrenner ...	1830
1833	Variations brillantes sur le rondeau favori "Je vends des scapulaires" (Si bemol maior)	12	Srta. E. Horsford	—
1833	"Grand Duo" sôbre a melodia da ópera "Roberto o diabo", composição de Chopin em colaboração com Augusto Franchomme	—	—	—
1834	Fantasia sôbre temas poloneses para piano e orquestra	13	J. P. Pixis	1829/30
1834	Cracoviana, Grande Rondó de Concêrto para piano e orquestra (Fá maior)	14	Princesa A. Czartoryska ..	1828

Ano de Edição	*Título da obra*	*Opus*	*Dedicada a*	*Época de Composição*
1834	3 Noturnos (Fá maior, Fá sustenido maior, Sol menor)	15	Ferdinando Hiller	—
1834	Rondó em Mi bemol maior	16	Srta. K. Hartmann	—
1834	4 Mazurcas (Si bemol maior, Mi menor, Lá bemol maior, Lá menor)	17	Srta. Lina Freppa	—
1834	Valsa brilhante (Mi bemol maior) ..	18	Srta. L. Harsford	—
1834	Bolero (Dó maior)	19	Condessa E. de Flahault .	—
1835	Scherzo em Si menor	20	Sr. T. Albrecht	1831
1835	4 Mazurcas (Sol menor, Dó maior, Lá bemol maior, Si menor)	24	Conde de Perthuis	—
1836	Concêrto para piano em Fá menor...	21	Condessa Delfina Potocka	1829
1836	Grande Polonaise Brilhante precedida de um Andante Spianato para piano e orquestra	22	Baronesa D'Est	1830/31
1836	Ballada em Sol menor	23	Barão de Stockhausen ...	—
1836	2 Polonaises (Dó sustenido menor, Mi bemol menor)	26	José Dessauer	—
1836	2 Noturnos (Dó sustenido menor, Ré bemol maior)	27	Condessa Apponyi	—
1837	12 Estudos (Lá bemol maior, Fá menor, Fá maior, Lá menor, Mi menor, Sol sustenido menor, Dó sustenido menor, Ré bemol maior, Sol bemol maior, Si menor, Lá menor, Dó menor)	25	Condessa d'Agoult	—
1837	Impromptu em Lá bemol maior	29	Condessa de Lobau	—
1837	4 Mazurcas (Dó menor, Si menor, Ré bemol maior, Dó sustenido menor) ..	30	Princesa de Wirtemberg..	—
1837	Scherzo em Si bemol menor	31	Condessa A. de Furstenstein	—
1837	2 Noturnos (Si maior, Lá bemol maior)	32	Baronesa de Billing	—
1838	4 Mazurcas (Sol sustenido menor, Ré maior, Sol maior, Si menor)	33	Condessa Mostowska	—
1838	3 Valsas Brilhantes (Lá bemol maior, Lá menor, Fá maior)	34	Srtas. Thun-Hohenstein, d'Ivri, d'Eichtal	—

Ano de Edição	*Título da obra*	*Opus*	*Dedicada a*	*Época de Composição*
1839	24 Prelúdios	28	Camilo Pleyel, ed. alemã, J. C. Kessler	1839
1840	Sonata em Si bemol menor	35	—	—
1840	Impromptu em Fá sustenido maior	36	—	1839
1840	2 Noturnos (Sol menor, Sol maior)	37	—	1839
1840	Ballada em Fá maior	38	Roberto Schumann	—
1840	Scherzo em Dó sustenido menor	39	Adolfo Gutmann	1838/39
1840	2 Polonaises (Lá maior, Dó menor)	40	Julio Fontana	1838/39
1840	4 Mazurcas (Dó sustenido menor, Mi menor, Si maior, Lá bemol maior)	41	Stefan Witwicki	1839
1840	Valsa em Lá bemol maior	42	—	—
1840	3 Etudes de perfection (Fá menor, Lá bemol maior, Ré bemol maior)	—	—	—
1841	Tarantela (Lá bemol maior)	43	—	1841
1841	Polonaise em Fá sustenido menor	44	Princesa Beauvau	—
1841	Prelúdio em Dó sustenido menor	45	Princesa Czerniszewa	1841
1841	2 Noturnos (Dó menor, Fá sustenido menor)	48	Srta. L. Duperré	—
1841	Variações do ciclo "Hexameron"	—	—	—
1842	Allegro de Concêrto (Lá maior)	46	Srta. Frederica Muller	—
1842	Ballada em Lá bemol maior	47	Princesa de Noailles	—
1842	Fantasia em Fá menor	49	Princesa C. de Souzzo	—
1842	3 Mazurcas (Sol maior, Lá bemol maior, Dó sustenido menor)	50	Leon Szmitkowski	—
1842	Mazurca em Lá menor	—	Emilio Gaillard	—
1843	Impromptu em Sol bemol maior	51	Condessa Esterhazy	1842
1843	Balada em Fá menor	52	Baroneza C. Rotschild	—
1843	Polonaise em Lá maior	53	Augusto Leo	—
1843	Scherzo em Mi maior	54	Srta. J. de Caraman	—

Ano de Edição	*Título da obra*	*Opus*	*Dedicada a*	*Época de Composição*
1844	2 Noturnos (Fá menor, Mi bemol maior)	55	Srta. J. W. Stirling	—
1844	3 Mazurcas (Si maior, Dó maior, Dó menor)	56	Srta. C. Malerby	—
1845	Berceuse (Ré bemol maior)	57	Sta. El. Gavard	1844
1845	Sonata em Si menor	58	Condessa E. de Perthuis.	1844
1846	3 Mazurcas (Lá menor, Lá bemol maior, Fá sustenido menor)	59	—	1845
1846	Barcarola (Fá sustenido maior)	60	Baroneza de Stockhausen.	1845/46
1846	Polonaise-Fantasia (Lá bemol maior)	61	Sra. T. Veyret	1845
1847	2 Noturnos (Si maior, Mi maior) ..	62	Srta. R. de Konneritz ..	—
1847	3 Mazurcas (Si maior, Fá menor, Dó sustenido menor)	63	Condessa L. Czosnowska.	—
1847	3 valsas (Ré bemol maior, Dó sustenido menor, Lá bemol maior)	64	Condessa Potocka, Baroneza Rotschild, Baroneza Bronicka	—
	Sonata para piano e violoncelo (Sol menor)	65	Augusto Franchomme ...	1845/46

Após a morte de Chopin foram publicadas (desde 1851) suas obras, marcadas pelos editôres com os números de Opus: 4 (Sonata em Dó menor) e 66 até 74 (entre elas a Fantasia-Improviso em Dó sustenido menor, 8 Mazurcas, Valsa composta para Maria Wodzinska, e 17 canções polonesas).

Zbiory ... I.F.C. ...

ÍNDICE

	Págs.
Prefácio dos editôres	5
Nota do tradutor	7
Capítulos:	
I — Em Varsóvia	9
II — Entre Varsóvia e Paris	27
III — Os primeiros anos de Paris	43
IV — Os últimos anos	59
Notas explicativas	75
Apêndice:	
Relação das obras de Chopin	78

467
Narodowy
Instytut
Fryderyka
Chopina



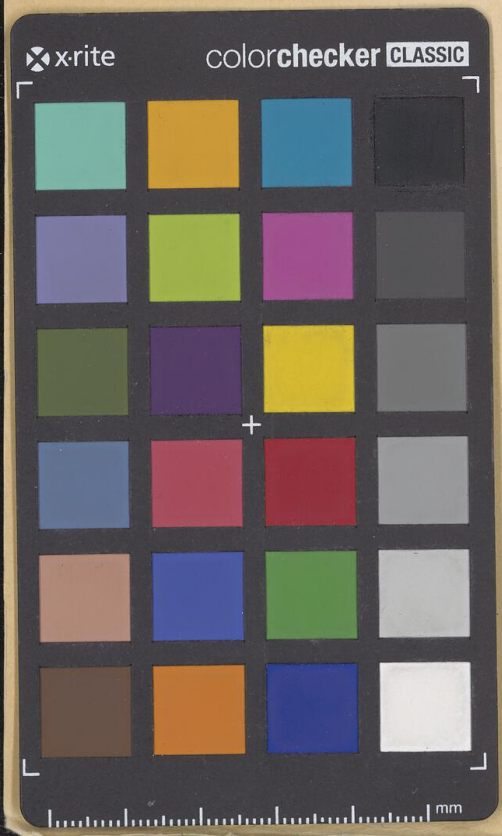
Euclides... o brasileiro

Leia *Euclides da Cunha*, da autoria de Sílvio Rabelo, a melhor biografia do genial autor de *Os Sertões* — 470 págs. — 12 ilust. fóra de texto — Cr$ 70,00.

*

Livraria-Editôra da Casa do Estudante do Brasil
Largo da Carioca, 11 — 2.º and. — tel. 42-2741
Rio de Janeiro

Preço: Cr$ 10,00



CHOPIN
PARA O POVO

Zbiory
467